

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA - PUC

CURSO DE TEOLOGIA

JOSÉ AUGUSTO DE AGUIAR JUNIOR

A MISSIOLOGIA DE FRANCISCO: uma Igreja sempre atenta aos sinais do tempo

São Paulo

2022

JOSÉ AUGUSTO DE AGUIAR JUNIOR

A MISSIOLOGIA DE FRANCISCO: uma Igreja sempre atenta aos sinais do tempo

Trabalho de conclusão de curso apresentada
ao Curso de Teologia da Pontifícia
Universidade Católica – PUC, como requisito
obrigatório para a obtenção de certificado.

Prof. José Nobre

São Paulo

2022

*A Deus, nosso Pai,
À Santíssima Virgem,
A minha família,
Aos Missionários do Sagrado Coração,
Aos meus verdadeiros amigos,
À vida.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, nosso Senhor, pelo dom de minha vida e por minha vocação. À Nossa Senhora, que me sustenta em seu seio maternal nos momentos de crise e de júbilo. Aos meus queridos santos de devoção, São José, Santa Luzia e São Sebastião.

Aos meus familiares que contribuíram muito com a minha formação. De maneira especial, aos meus pais Eliana Fernandes e José Augusto de Aguiar, pelo sustento, amor e carinho que incessantemente dedicaram a mim. Aos meus avós Sebastião Fernandes (*in memoriam*), Marina Braga Fernandes, Sebastião Aguiar (*in memoriam*) e Antônia Aguiar. As minhas irmãs Fabiana Fernandes e Suzana Fernandes, ao meu cunhado Everton Ferreira, e aos meus sobrinhos Maria Luiza Fernandes e Enzo Fernandes. Aos meus tios e primos.

Aos padres Edivaldo Mendonça, Lucemir Alves e Luís Roberto Bertassi, msc (*in memoriam*), que me ajudaram no processo de discernimento vocacional. Aos meus promotores vocacionais, padre Eduardo Paixão, msc e Girley msc. À minha amada família religiosa, a congregação dos Missionários do Sagrado, na pessoa do padre Luís Carlos msc, meu formador, pelo amor e zelo formativo. Ao meu diretor espiritual, padre Clemilton Moraes e a psicóloga Marinete Frazão, que me ajudaram com o processo formativo.

Ao nosso fundador padre Júlio Chevalier msc, pela inspiração e carisma. Aos meus queridos irmãos, que desde o início, me acompanham rumo à vida religiosa sacerdotal, Richardson Bruno, Antonio Lucas, Luís Cláudio e Alex Sandro; bem como aos que entraram na minha vida durante o processo formativo, Leonardo Machado, Werb Pinheiro, Thiago Soares, Aldiclei Oliveira, Erick Bryan, Gabriel Soares e Lucas Pádua. Aos irmãos que apoiaram quando cheguei a São Luís, Leonardo Agostinho, Rafael Pavão, Rosenildo Nascimento, Emmanuel Elisclibe, e Jardel Luiz.

Aos grandes amigos que fiz durante a vida, Sidney Braga, Danilo Gonçalves, Karen Renata, Patrícia Fernandes, Onara Roberta, Leticia Pamplona, Isabela Hinz, Isabela Monroe, Gabriel Ferreira, Rafael Soares, Danilo Moreira, Ana Clara, Pedro Mendes, Danielle Mayumi, Vinicius Moreira, Sarah Pereira, Brendha Duarte, Ana Luiza Toledo, José Marcos, Otávio Augusto, Rita Martins, Magnus Reis, Paula Gabriele, Cristiano Affá, Amanda Affá, Douglas Soares, Priscila Soares, Paulo Formigoni, Luis Netto, que são fonte de alegria para os meus dias.

A meu orientador prof. José Nobre, pela amizade, paciência e carinho. A todos os meus professores, que me ajudaram nesse processo formativo.

prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças (EG, nº 49).

RESUMO

O estudo apresenta a visão de Francisco sobre a compreensão da importância da missão para a vida da Igreja e da sociedade. Com esse empenho, queremos conduzir a Igreja a plenitude da sua vocação serviçal e toda a humanidade e toda criação a plenitude da vida. Assim, Francisco, apoiado na Sagrada Escritura, no Concílio Vaticano II e nas conferências latino-americanas, nos convida a sermos uma Igreja em saída que busque no evangelho a alegria e a força necessária para evangelizar. Têm-se na evangelização um elemento transformador, capaz de conduzir a criação a vivência do Reino de Deus. Ela é assim um grande sinal dos tempos. Por isso, Francisco insiste em os conduzir a uma Igreja que saia de seus muros e dos seus egoísmos e se abra a missão de ir ao encontro dos outros. A missão é um elemento transformador.

Palavras-chave: Francisco. Missão; Igreja em saída Sinais do tempo; Evangelização.

ABSTRACT

This study presents Pope Francis' view on understanding the importance of mission for the life of the Church and society. With this commitment, we want to lead the Church to the fullness of her service vocation and all of humanity and all of creation to the fullness of life. Thus, Francis, supported by Sacred Scripture, the Second Vatican Council and the Latin American conferences, invites us to be an outgoing Church that seeks in the gospel the joy and strength necessary to evangelize. Evangelization is a transforming element, capable of leading creation to experience the Kingdom of God. She is a great sign of the times. For this reason, Francis insists on leading them to a Church that leaves its walls and its selfishness and opens itself to the mission of ...

Keywords: Francis. Mission; Church on the way out; Signs of the Weather; Evangelization.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. MISSÃO: NOVO TESTAMENTO, CONCÍLIO VATICANO II E SEUS DESDOBRAMENTOS	14
2.1.1 O ATO MISSIONÁRIO DE JESUS	15
2.1.2 OS APOSTOLOS, OS DISCÍPULOS E A IGREJA COMO PARTICIPANTES DESSA MISSÃO	18
2.2 CONCÍLIO VATICANO II: ABORDAGEM HISTÓRICA	22
2.2.1 A IGREJA MISSIONÁRIA NO VATICANO II	24
3 PAPA FRANCISCO E A IGREJA MISSIONÁRIA	28
3.1 SER IGREJA EM SAÍDA	29
3.2 UMA IGREJA MISSIONÁRIA QUE EVANGELIZE COM ALEGRIA, SE SINTA AMADA POR DEUS PARA PODER AMAR AO PRÓXIMO	32
3.3 UMA IGREJA MISSIONÁRIA QUE VIVA A MISERICORDIA E A CARIDADE	34
3.4 UMA IGREJA QUE SEJA INCULTURADA	37
3.5 UMA IGREJA QUE SEJA DIALOGAL	40
4 OS DESAFIOS ATUAIS DA IGREJA E DA SOCIEDADE PARA FRANCISCO ...	45
4.1 SER IGREJA MISSIONÁRIA EM MEIO AOS DESAFIOS ATUAIS	49
4.1.1 CRISTÕES E CRISTÃS QUE EVANGELIZAM COM ALEGRIA	52
4.2 EVANGELIZAÇÃO: ELEMENTO TRANSFORMADOR	55
5 CONCLUSÕES FINAIS	60

1 INTRODUÇÃO

Maio Jorge Bergoglio é um Argentino nascido na Capital Buenos Aires no ano de 1936. Advindo de família Italiana, seus avós e seus pais se instalaram no país latino americano no ano de 1927. Bergoglio é filho de Mario José Bergoglio e Regina Maria Sivoni. Seu pai era ferroviário e sua mãe dona de casa. Foi criado em seio católico e tem como grande referência sua avó. Com 21 anos cursou química, findando-a em 1957.

No mesmo ano adentrou na companhia de Jesus, na qual se formou em filosofia e começou a lecionar aulas pela mesma companhia em Santa fé e Buenos Aires. Foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969. Em 1970 terminou seus estudos de teologia. Assim, no período de mais ou menos 10 anos, contribuiu lecionando filosofia e teologia nas escolas de Buenos Aires. Em 1992 foi eleito bispo de Buenos Aires e 1998 eleito arcebispo primaz da Argentina. Em 13 de março de 2013 foi eleito papa e escolheu o nome de Francisco para já mostrar qual seria o seu plano de governo.

Sua vida tanto de sacerdote como de bispo foi voltada para um trabalho junto ao povo. Bergoglio sempre esteve atento ao que acontecia em seu país. Denunciou qualquer tipo de injustiça e sempre se colocou ao lado dos mais pobres e necessitados. Quando eleito papa, Francisco, influenciado pela Sagrada Escritura, pelo pensamento do Vaticano II e das conferências episcopais latino-americanas, traçou o seu plano de governo sem esquecer o que fora essencial em sua vida até ali. De fato, para ele a cultura e as lembranças são de extrema importância. Imbuído desses aspectos, Francisco orienta o seu pontificado a querer uma Igreja missionária, aos moldes do Vaticano II e das conferências.

Sua visão vai muito além de uma missão territorial. Francisco deseja uma Igreja que saia do seu egoísmo e caminhe ao encontro do outro, ao encontro dos pobres e necessitados, ao encontro daqueles que são excluídos e marginalizados. Como pastor aos moldes de Cristo, Francisco quer que todos os filhos e filhas de Deus sejam atraídos a Ele. Que todos sejam tocados pela alegria do evangelho. Que todos vivam e possam usufruir da casa comum. A luta contra as injustiças serão também um norte para pensar o seu projeto de Igreja. O desejo por uma mudança de mentalidade se fez e se faz presente em seu pontificado. Quer que a Igreja cresça em

oração, mas também quer que a mesma seja sinal verdadeiro de Deus em meio a sociedade.

Basta olharmos atentamente a suas publicações e perceberemos muito bem esse processo. Ao escrever os documentos *Evangelii Gaudium*, *Misericordiae Vultus*, *Querida Amazônia*, *Laudato sí* entre outros, quer nos lançar a compreender uma Igreja que está atenta aos sinais de seu tempo. Quer nos mover a percepção de uma Igreja que não fecha os olhos aos problemas da sociedade. Quer nos conduzir há uma Igreja que age e não fica presa em seus muros. Quer nos levar a ser uma Igreja em saída.

No mundo secular em que vivemos, o pensamento de Francisco encaixa perfeitamente. Se olharmos para dentro da nossa própria Igreja perceberemos que muitos ainda não aderiram o pensamento do Vaticano II e assim muito menos escutam as palavras do Santo Padre. Percebe-se assim, uma grande parcela da Igreja fechada ao dado missionário. Esses mesmos também insistem em crucificar o Santo padre o acusando de herege, de anticristo, de comunista entre outras coisas. Se olhamos para a sociedade como um todo concebe-se em sua grande maioria pensamentos que excluem muitos da sociedade como: o racismo, a homofobia, o descaso pelos pobres, a intolerância religiosa, a falta da pratica do amor e da compaixão, a falta da vivência da fraternidade e da comunhão entre outros. Percebe-se assim, tanto uma Igreja e uma sociedade fechada em si.

Dessa forma o nosso pensamento irá de encontro com o pensamento do Santo padre. Queremos mostrar a importância de se ter uma Igreja missionária, que saia de seus muros e chegue a todos os que necessitam dela. Junto, queremos também desmitificar o pensamento de muitos que afirmam ver no papa uma figura totalmente herege, comunista, anticristo etc, pelos seus posicionamentos. Queremos mostrar que Francisco se baseia na tradição e no magistério para formular e por em prática aquilo que ele acredita.

Dessa forma, para chegarmos à totalidade do trabalho teremos como objetivo, investigar nos documentos do Papa Francisco e em livros e artigos de comentadores a importância da missão para a Igreja e para a sociedade. Para isso queremos colocar em prática três elementos: Relacionar o pensamento de missão de Jesus e o pensamento do Vaticano II, com o pensamento de missão do Papa Francisco. Analisar temas como: missão, inculturação, dialogo, comunhão, fraternidade, misericórdia, Igreja em saída, nas obras *Evangelii Gaudium*, *Querida*

Amazônia, Laudato Sí e nos documentos do Vaticano II e das conferências episcopais; compreender a importância da missão para a Igreja e para a sociedade hoje.

Para isso usaremos como metodologia de pesquisa o método hermenêutico através da interpretação dos documentos do Papa Francisco e de alguns comentadores e pesquisadores. Usufruiremos assim de livros, artigos, comentários e pensamento do Papa Francisco e de comentadores. Feito um passeio pela forma que iremos construir o trabalho, faremos agora um breve comentário sobre cada capítulo.

No primeiro capítulo faremos uma abordagem histórica sobre a missão, desde o evangelho até o Vaticano segundo e seus desdobramentos. Queremos com isso fortalecer a nossa ideia sobre a importância de se ter uma Igreja missionária que se preocupe com os sinais dos tempos. Falaremos assim da missão de Jesus e dos Apóstolos que formam a primeira comunidade, que formam a Igreja. Com o Vaticano II e a citação das conferências, queremos mostrar o pensamento de ambas sobre a missão e sua importância para a sociedade. Nos baseamos nesses fatos primeiramente, pois eles são base para o pensamento de Francisco e também para o nosso.

No segundo capítulo falaremos da importância da missão para Francisco e do seu pensamento de Igreja missionária. Aqui falaremos sobre os temas da Igreja em saída, do diálogo ecumênico e inter-religioso, da misericórdia, da missão na alegria do evangelho, da inculturação etc. Trazemos esses elementos à tona pois não concebemos uma Igreja missionária que não pratique esses atos. Desde dos evangelhos percebemos que esses fazem parte da missão. Francisco não é indiferente a isso. Ele pensa a sua Igreja missionária levando em conta esses elementos. Basta ver em seus escritos.

No terceiro capítulo falamos da importância de se ter essa Igreja missionária em meio a sociedade. Uma Igreja que movida pela alegria do evangelho, possa sair de seus muros e alcançar a todos com a salvação de Deus. Nesse capítulo, orientamos também os nossos desejos há uma Igreja que tenha a evangelização como algo transformador. Acreditamos que o evangelho deve nos impulsionar a sairmos dos nossos medos e egoísmos para alcançarmos a todos com esse elemento transformador. Assim, a missão deve conduzir-nos a ajudar nossos irmãos e irmãs a

mudarem de vida e pensamento. Assim, ao alcançar aqueles que estão marginalizados e excluídos, o evangelho deve transformá-los integralmente.

Portanto, queremos com o nosso trabalho conduzi-los à uma reflexão sobre esse tema tão importante. No mundo atual se não nos abirmos a missão, dificilmente conseguiremos levar a evangelização a todos os homens e mulheres. De fato, se faz necessário que mudemos o nosso pensamento e nos abramos a esse mistério que o papa Francisco tanto nos pede.

2. MISSÃO: NOVO TESTAMENTO, CONCÍLIO VATICANO II E SEUS DESDOBRAMENTOS

Quando falamos em missão, pensamos em um movimento de saída, de envio, de evangelização, de escuta e de chamado. De fato, missão tem a ver com esses termos. Porém, só iremos ter esquematizado um processo de missão no novo testamento. Contudo, o antigo testamento, mesmo que sem esse processo esquematizado, nos aponta pistas que nos leva a compreender o que vem a ser missão mais adiante.

Desde o antigo testamento, Deus se faz presente no meio do povo, escolhendo pessoas para auxiliarem em sua missão salvífica e libertadora. Uma passagem bíblica que nos mostra isso é. Deus, através de seu servo Moisés, guia o povo israelita rumo a terra prometida (cf. Ex 13, 17). Além de Moises, temos outras figuras como Davi, Salamão, Daniel, Jonas, etc.

Percebe-se nessas figuras, em sua relação com Deus, que todos eles saem de seus lugares para guiar e conduzir o povo a Deus. Assim a relação de chamado, escuta, saída, envio, que como já vimos são elementos que nos remetem ao dado missionário.

No novo testamento aparecerá com mais ênfase o que conhecemos como missão. Se olharmos para a pessoa de Jesus, dos apóstolos e dos discípulos perceberemos que o ato missionário perpassa o seu cotidiano. Jesus é o missionário por excelência e todos aqueles que aderem ao seu chamado são participantes da sua missão que consiste em anunciar o reino de Deus e propagar a sua palavra, fazendo assim com que todo ser humano, atraído por ela possa ter vida em abundância e alcançar a salvação.

Dessa forma, o novo testamento servirá como base para entendermos os primeiros passos missionários. Olharemos para vida de Jesus e de todos aqueles que aderiram ao seu chamado, para compreendermos o qual importante foi o ato missionário para a edificação do reino de Deus e de todo ser humano que se colocava em contato com Jesus e seus apóstolos.

Depois teremos como base o concílio Vaticano II, que foi um movimento importante para mudarmos o pensamento sobre Missão. A volta as fontes, o desejo de *aggiornamento*, a busca constante por aproximar o povo a palavra de Deus, o

movimento feito pós Vaticano II com as conferências latino-americanas, nos mostram muito bem isso.

Dessa forma, usaremos tanto o novo testamento como o concílio e seus desdobramentos para alavancarmos um diálogo sobre a importância da missão.

2.1.1 O ATO MISSIONÁRIO DE JESUS

Para falarmos de missão no novo testamento será necessário analisarmos a pessoa de Jesus, pois é nele que a missão dada por Deus, de evangelizar e de propor o seu plano salvífico advindo de seu reino, se cumpre com perfeição. Se olharmos atentamente para as palavras e as ações de Jesus, perceberemos que toda sua vida gira em torno dessa missão.

Porém, para entendermos a missão proposta por Jesus, devemos primeiro ressaltar que essa missão tem base trinitária, como nos lembra o documento do Concílio Vaticano II, *ad gentes*. O documento nos lembra que: “A igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem sua origem, segundo o designo de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo (AG, nº 2).

É importante compreendermos isso para não cairmos no desleixo de achar que a missão de evangelizar e de proporcionar o reino de Deus a todas as pessoas, foi algo pensado e planejado somente pela Igreja. Antes de tudo, a missão é algo pensada por Deus. Os autores Clayton Lima e Arthur Wesley, supracitando David Bosch nos ajudam a compreender melhor essa perspectiva:

O termo “*missio Dei*” surgiu no início do século vinte, das reflexões de teólogos como Karl Barth e Karl Hartenstein, mas sua lapidação contemporânea se deve principalmente a David Bosch que desenvolveu o conceito de que a missão é de Deus, e não somente no que diz respeito à tarefa, mas principalmente de um atributo divino em que “compreendeu-se a missão como derivada da própria natureza de Deus” (cf Clayton Lima de Souza; Arthur Wesley Dück. 2019, pg. 119).

Podemos afirmar assim que antes de tudo, a trindade tem participação direta no que diz respeito a restauração da criação e a implantação do reino. A igreja é cooperadora dessa missão. Sendo assim, a missão é antes de tudo “A missão de Deus”.

Quando falamos em reino de Deus, falamos de uma qualidade que pertence a alguém (cf Clayton Lima de Souza; Arthur Wesley Dück. 2019, pg. 121), que no caso é Deus. Dessa forma, quando afirmamos que a missão tem o intuito de nos conduzir ao reino de Deus, estamos afirmando que existe um reino onde Deus é o soberano e que as criaturas participam desse reinado (cf Clayton Lima de Souza; Arthur Wesley Dück. 2019, pg. 121).

Dessa forma, Deus quis que cada criatura participasse de seu reino transformador. O reino de Deus é um dom e esse dom foi derramado sobre as criaturas. Deus age na história de cada criatura nos enviando o seu Filho e o seu Espírito. É através deles que conhecemos o reino e somos convidados a participar dele. Com isso, Deus quer reunir os seus para que esses sejam salvos.

Deus interfere no mundo e na história, estabelecendo o seu reino para assim promover a restauração da Criação corrompida pelo pecado (Caragounis 2012, p. 1061) explica que “O reino de Deus” está no âmago do ensino de Jesus. [...] era iminente e estava potencialmente presente em Jesus, em vez de ser uma vaga esperança futura, estando inextricavelmente ligado à sua pessoa e missão. Esse reino não é uma realização humana, mas realizado pelo próprio Deus. Sua ética é caracterizada pelo amor, mandamento principal e norteador dos demais mandamentos éticos, manifesto desde o ministério de Jesus, se desenvolvendo através da história e com um cumprimento pleno no futuro escatológico (cf Clayton Lima de Souza; Arthur Wesley Dück. 2019, pg. 121).

É nesse aspecto que entenderemos a missão de Jesus. Com a encarnação (cf Lc 1, 26-38), Deus envia seu Filho aos homens e mulheres, para que esses através da graça e da conversão, encontrem a salvação advinda do reino de Deus. O anúncio da boa nova sempre irá estar em foco na missão de Jesus. É através da aderência desse anúncio, do convite a conversão (cf. Mc 1, 15) e do batismo (cf. Mt 19, 19) que chegaremos à perfeição do reino de Deus, que é amor, misericórdia, compaixão.

Mas para que isso aconteça, Jesus se coloca à disposição do reino de Deus. Mesmo sendo Ele o autor da missão, foi também o primeiro missionário. É interessante analisarmos que Jesus, mesmo sendo Deus se abdica de uma vida gloriosa na terra. Ele não quis viver como um rei, mas sim como um servo, para que assim, todos aqueles que o olhassem o tomasse como modelo perfeito. Esse ato

kenótico¹ de Jesus não o faz ser outra pessoa, mas o abre para uma dimensão maior, a do serviço.

Perceberemos muito bem isso nas suas próprias palavras: “pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10, 45). O ato de servir será importante para compreendermos o dado missionário que está por trás da vida de Jesus e que é o projeto da trindade.

O serviço esteve presente em todo o percurso de Jesus. O ato de curar doentes (Mc 3, 1-6; Mc 3, 7-12; Mt 8, 5-13; Lc 6, 6-11), de comer com os pecadores (Mt 5, 29-32), são elementos que nos mostram bem isso. Esse movimento de serviço proposto por Jesus nos coloca diante da sua missão: dar vida em abundância a todos os homens e mulheres. O texto de João nos leva a compreender bem essa dimensão:

Em verdade, em verdade, vos digo: quem não entra pela porta no reidiu das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante; o que entra pela porta é o pastor das ovelhas. A este o porteiro conduz para fora. Tendo feito sair todas as que são suas, caminha a frente delas e as ovelhas o seguem, pois conhecem a sua voz. Elas não seguirão um estranho, mas fugirão dele, pois não conhecem a voz do estranho. Jesus lhes apresentou essa parábola. Eles, porém, não entenderam o sentido do que lhes dizia. Disse-lhes novamente Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes; mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo entrará e sairá e encontrará passagem. O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundancia [...] (Jo 10, 1-10).

É interessante analisarmos esse texto de João para compreendermos a missão de Jesus. Ele se coloca como sendo o bom pastor em relação aqueles que ele chama de maus pastores, que são ladrões e assaltantes. O segundo grupo não se preocupa com a vida de suas ovelhas: não alimentam, não cuidam, não mata a sua sede e não lhes dá vida. Jesus, porém, faz totalmente o contrário. A sua preocupação e atenção é sempre com a ovelha, no caso, os homens e mulheres. Jesus dá a sua vida por cada um, para que todos e todas tenham vida em abundancia.

Isso nos leva a compreender que no reino de Deus, toda a criatura tem vida em abundância. Se olharmos atentamente para os atos de Jesus, perceberemos muito bem isso. O fato de curar, de se relacionar com os pecadores, nos mostra que

¹ Ato Kenótico: **Kénosis** é o ato de se esvaziar de si mesmo, sem perder a própria identidade, para se fazer abertura ao outro e se encontrar no outro (<https://revistas.pucsp.br>).

além da salvação, Deus quer que todos os seus tenham uma vida digna. Com esses atos, Jesus quer trazer os que estavam excluídos da sociedade, para o seu seio novamente.

Jesus viveu em sua vida o ide por todo mundo e a todos pregai o evangelho (cf Mc 16,15). Ele fez em toda a sua vida a vontade do Pai (cf Mt 6, 10) que é ter todos os seus reunidos e salvos. Porém, a missão de Jesus se estenderá a outros, que como participantes da missão, levarão homens e mulheres aos cuidados de Deus.

Por fim, concluímos que a missão de Deus realizada em Jesus é que toda a criatura, ao ser conduzida ao seu reino, tenha vida em abundância. Foi isso que Jesus fez e quer que aqueles que o seguem, façam também como cooperadores da missão divina. Como já fora dito, Jesus se faz servidor, para que todos aqueles que o seguem, sejam também servidores. Trataremos disso no tópico a seguir.

2.1.2 OS APOSTOLOS, OS DISCIPULOS E A IGREJA COMO PARTICIPANTES DESSA MISSÃO.

Em sua missão, Jesus quis contar com a ajuda de seres humanos. Por esse motivo, escolheu primeiramente doze apóstolos e depois discípulos que o seguiam para auxiliar na missão de propagar o reino de Deus. Vejamos as citações a seguir:

[...] Naqueles dias, ele foi a montanha a montanha para orar e passou a noite inteira em oração a Deus. Depois que amanheceu, chamou os discípulos e dentre eles escolheu doze, aos quais deu o nome de apóstolos: Simão, a quem impôs o nome de Pedro, seu irmão André, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Simão, chamado Zelota. Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariot, que se tornou traidor [...] (Lc 6, 12-16).

Depois disso, o Senhor designou outros setenta e dois, e os enviou dois a dois a sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir. E dizia-lhes: a colheita é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie operários para sua colheita. Ide! Eis que vos envio [...] (Lc, 10, 1-3).

Essas duas citações nos mostram que Deus quis contar com a ajuda do ser humano em sua missão (cf. AG, 2001. Pg. 7). Por isso o chamado é feito aos apóstolos e discípulos de Jesus. A missão iniciada por ele não pode terminar. É necessário que outros continuem o ato missionário. Jesus confiará esse projeto a sua Igreja.

Para falamos de Igreja, devemos primeiramente ter em mente não a Igreja primitiva. Ela nasce do desejo de Deus para ser continuadora da sua missão: vejamos a citação de Lucas e de Tiago, que nos apresentam o modelo de Igreja, pautada na pessoa de Jesus:

[...] Aqueles, pois, que acolheram sua palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas. Eles mostravam-se assíduos aos ensinamentos dos apóstolos, a comunhão fraterna, a fração do pão e as orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam de simpatia de todo o povo. E o senhor acrescentava cada dia ao seu numero os que seriam salvos (At 2, 41-47).

Meus Irmãos, vossa fé em nosso Senhor Jesus Cristo glorificado, não deve admitir acepção de pessoas. Assim, pois, se entrarem em vossa assembleia duas pessoas, uma trazendo anel de ouro, ricamente vestida, e a outra pobre, com suas roupas sujas, e derdes atenção ao que se traja ricamente e lhe disserdes: “Senta-te aqui neste lugar confortável”, enquanto dizeis ao pobre: “Tu, fica em pé aí” ou então: “Senta-te aí abaixo do estrado dos meus pés”, não estais fazendo em vós mesmos discriminação? Não vos tornais juizes com raciocínios perversos [...] (Tg 2, 1-4).

Esse é o modelo de Igreja pensado por Deus e por seus seguidores. Uma Igreja que vive em torno da palavra, da eucaristia, da preocupação com o bem comum e que não aceita distinção entre as pessoas. Todos esses elementos tem o intuito de conduzir o ser humano a relação perfeita com Deus e com o ser humano. No fundo, levar cada um ao reino de Deus.

Essa é a Igreja que continuará a missão de Deus iniciada em Jesus. Ela será composta por homens e mulheres batizados (cf At, 2, 41), que a exemplo de Jesus, levem o reino de Deus que é vida para todos, a toda criatura. A igreja é convidada a ser sinal de Deus em meio as pessoas. É chamada a ser colaboradora da missão divina.

Para que a Igreja primitiva seja sinal verdadeiro de Deus em meio as nações, é necessário que essa tenha como modelo Jesus Cristo e que também seja enviada por Ele e pelo Espírito de Deus. Com a morte de Jesus, os discípulos paralisam por causa do medo, pois achavam que tudo aquilo que lhes acontecerá teria se findado. Porém, esse Espírito que fora derramado lhes dará animo e força. É esse

Espírito que guiara a Igreja em seu caminhar, assim como guiou Jesus no deserto (cf Lc 4, 1-12). Vejamos:

Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram repletos do Espírito Santo [...] (At 2, 1-4).

Segundo o documento *Ad Gentes*, foi nesse dia que a Igreja foi publicamente manifestada e que a pregação do evangelho foi difundida para toda multidão (AG, n°4). De fato, é com a vinda do Espírito Santo que a Igreja primitiva entende verdadeiramente qual é a sua missão. E impelidos por ele saem por todos os lugares e cidades pregando o reino de Deus e anunciando Jesus ressuscitado.

Dessa forma, os discípulos viverão o “ide” vivido por Jesus. Prepararão primeiro aos Judeus e depois para os gentios. Nesse contexto temos o que podemos chamar “missão *ad gentes*” ou missão além fronteiras. Nesse sentido, Arneau afirma que:

Estas testemunhas receberam uma missão específica: tornar Jesus Cristo conhecido. Para está tarefa é que foram chamados, formados e habilitados. Testemunhas eles o serão, em primeiro lugar, junto aos Judeus de Jerusalém aos quais anunciarão a ressurreição e a messianidade do crucificado. Esperam assim obter para Deus a volta destes homens e destas mulheres. O mesmo vocabulário é usado em referencia aos pagãos. Trata-se, para esses, de desembaraçarem dos ídolos para descobrir o Deus vivo e seu Filho [...] (ARNEAU, 1985, pg. 275).

Os discípulos são chamados a serem missionários, não somente aos Judeus, mas também aos pagãos, pois essa é proposta de Deus. Através da conversa, que conduz ao batismo, todos os homens e mulheres serão atraídos a Deus e serão chamados a serem discípulos e discipulas missionários (cf Mt 19, 19). No fundo, participantes da Igreja.

Com isso, todo aquele que se converte e é batizado, é convidado a ser um discípulo do reino. Por tanto, o “ide a todas as criaturas (cf. Mt 19,19), se faz necessário para todos os que são seguidores de Cristo. Dessa forma, a missão de Deus, realizada em Jesus e confiada aos seus discípulos e discipulas, que são a Igreja, é algo norteador e inegociável.

Feito essas afirmações, se torna necessário dizermos que esses homens e mulheres deverão agir na missão, como Jesus agiu, para que assim, sejam sinais de Deus na sociedade e na história (cf Clayton Lima de Souza; Arthur Wesley Dück. 2019, pg. 126). Lembremos o que falamos das atitudes de Jesus, no tópico anterior e o que definimos ser a Igreja pensada por Deus e difundida pelos seus seguidores.

Voltamos nesses argumentos para dizermos que o reino de Deus só está completo quando todos estiverem reunidos em uma íntima união. Para que isso aconteça, é necessário que além da pregação, todos tenham dignidade para viver. Para confirmarmos isso, pautamos nos seguintes trechos da palavra. Deus fez descer do céu o maná da salvação (cf. Ex 16,18); Jesus alimentou a multidão (cf. Mt 15, 32-39); Os discípulos tinham tudo em comum (At 2, 44).

Esses trechos nos mostram que além da preocupação pela salvação da alma, há a preocupação também com o corpo. De fato, o ser humano tem que ser entendido em sua totalidade. Nisso, nos ajuda a refletir os autores:

Finalmente, uma perspectiva cristã da cultura: o mandato do reino de Deus é ao mesmo tempo evangelístico e cultural, ou seja, Deus não está preocupado apenas com a igreja, mas com toda a Criação. Por esse motivo, a atenção do cidadão do reino não está voltada apenas para as questões eclesiais, mas para todas as preocupações da vida, da sociedade e do mundo. Todos os elementos da Criação e todas as modalidades de interação social precisam ser alcançados e restaurados na implantação do reino, ou seja, precisam ser submetidos ao governo de Cristo (Clayton Lima de Souza; Arthur Wesley Dück. 2019, pg. 122).

De fato, a Igreja como cooperadora da missão de Deus, deve ter o seu olhar voltado para todas as questões que dizem respeito a criação. Para Deus, importa a integridade da criação, e não somente a sua alma ou o seu corpo. Por isso, ambas as dimensões devem ser cuidadas.

Por isso o zelo, o amor fraterno, o cuidado, a não distinção de pessoas, a vivência no ensinamento dos apóstolos, a eucaristia como centralidade, a misericórdia, a compaixão, o respeito mútuo etc. Todos esses aspectos nos levam a perceber a importância da criação para Deus. Deus quer que todos sejam um (cf. Jo 17, 21).

Por fim, A igreja deve ser missionária a todo momento. Deixar de lado a missão é negar a sua essência (cf. AG. 2001, pg. 7). Esse é um ensinamento advindo desde Jesus e cumprido por seus seguidores. É através desse ato missionário que a Igreja conduz o povo ao encontro do reino de Deus, e sendo colaboradora dessa

missão, é sinal de Deus para o mundo e, portanto, sinal de salvação, como veremos a seguir.

2.2 CONCÍLIO VATICANO II: ABORDAGEM HISTÓRICA

Para falarmos do Concílio Vaticano II e o tema missão, precisamos antes situar o contexto histórico da sociedade da época. O século XX é marcado por vários acontecimentos como: a primeira guerra mundial (1914 – 1918), a segunda guerra mundial (1939 – 1945), o nazismo (1933 – 1945), a revolução russa (1917), a globalização econômica, entre outros acontecimentos. Esses acontecimentos têm aspectos em comum, entre eles a não valorização da humanidade e da criação. Todas eles se preocupam mais com o poder e com o dinheiro, deixando a margem a vida humana. Com esses, logicamente que a Igreja nem pensou em formar diálogo, pois são elementos que destroem.

Um outro desafio foi o de perceber que a Igreja já não estava sozinha em meio a sociedade. Outras religiões e denominações foram aparecendo e fez com que a Igreja pensasse nesse aspecto. O avanço tecnológico foi um outro desafio. Foi necessário também que Igreja pensasse nessa relação. Assim, a modernidade trouxe consigo grandes desafios e a Igreja percebeu que precisava responder a esses apelos. Será nesse contexto de sociedade que surgira o Concilio Vaticano II, como uma bela resposta da Igreja. Assim, Sanches nos ajuda a refletir:

A Igreja católica do Concílio Vaticano II é, ao contrário, uma Igreja que se propõe seguir outro caminho: ela assume uma atitude de diálogo diante das grandes afirmações e reivindicações da modernidade e não de condenação: “o Concílio, testemunhando e expondo a fé de todo o povo de Deus congregado por Cristo, não pode demonstrar com maior eloquência sua solidariedade, respeito e amor para com toda a família humana... senão estabelecendo com ela um diálogo sobre aqueles vários problemas, iluminando-os à luz tirada do Evangelho (SANCHES, 2015, p. 22).

Nesse contexto de sociedade surge um grande sinal dos tempos, uma figura importante para a Igreja conciliar: o cardeal Roncalli, mas conhecido como papa João XXIII. Dizemos ser um grande sinal dos tempos, pois teve a coragem de assumir os desafios, suscitando assim o desejo de mudança. Foi ele o suscitador do Sagrado Concílio. Sobre esta figura, Sanches afirma:

O próprio João XXIII foi um dos sinais do tempo de uma Igreja que já não era capaz de responder às grandes inquietações da modernidade e, ao mesmo tempo, estava esperançosa de mudanças. O pontificado de João XIII significou um momento de ruptura com um modelo de Igreja de cristandade e a construção de uma Igreja disposta a ser no mundo o Reino de Deus (Sanches, 2015, P. 20).

Assim, o Concílio foi iniciado pelo papa João XXIII, no ano de 1962, mais precisamente em 11 de outubro, após o seu famoso discurso de abertura *Gaudet Mater Eclésia*. Com sua morte em 1963 será necessário que se eleja um novo papa. O cardeal Montini foi o escolhido e assumiu o nome de Paulo VI. Em suas mãos caiu a difícil tarefa de continuar o concílio. No Concílio foram discutidos temas de cunho cristológico, pastoral, litúrgico, missiológico, trinitários, sociais etc.

Porém, o novo papa encontrou pela frente grandes desafios. Uma pequena parte dos conciliares se opunha e muito ao Concílio Vaticano II, por entender muitas vezes que o mesmo era de cunho ideológico. Afirmavam isso, pois vinham no caráter ecumênico do Concílio um grande problema (cf. FAGGIOLI. 2013, pg. 21). Esse indiferentismo ao Sagrado Concílio permanece até os dias atuais e muitas vezes, infelizmente, com o consentimento de religiosos, religiosas, padres e bispos. Faggioli afirma:

[...] Essa nova geração é potencialmente indiferente, desdenhosa e até hostil ao Vaticano II com base na apresentação politicamente orientada do “catolicismo do Vaticano II”, rotulado como demasiada frequência como liberal e condescendente, senão pior [...] (FAGGIOLI. 2013, pg. 22).

Esse indiferentismo, não apagou o brilho do Vaticano II. Da mesma forma, houveram muitos conciliares, no caso a grande maioria, que apoiaram e levaram a continuação e implantação do Concílio. O próprio papa Bento XVI colocou em pauta a discussão do Sagrado Concílio aos seus alunos em 2010 (cf. FAGGIOLI. 2013, pg. 22). Atualmente, o Papa Francisco não tem medido esforços para propagar a difusão do Vaticano II nos meandros da Igreja e até mesmo ao seu redor.

De fato, o evento Vaticano II, visto como o principal evento do século XX, não deve permanecer fechado somente dentro do âmbito da Igreja católica, mas deve ser espalhada a toda a sociedade. E somos nós cristãos e cristãs os responsáveis por fazer isso.

Muitos pensam que o Vaticano II é um concílio meramente pastoral. Alias, este é um dos grandes ataques feitos ao Sagrado Concílio. Porém, não é bem assim.

Se olharmos a discussão feita em torno desse evento que se finda nos documentos publicados, perceberemos isso. Por exemplo: a *Dei Verbum*, a *Lumen Gentium*, a *Christus Dominus*, são documentos que mostram que o concílio não foi só pastoral, mas também de cunho eclesiológico, cristológico etc.

Por isso, devemos receber o Vaticano II como um evento que se preocupou com a integridade da Igreja. A igreja não deve ser somente doutrina, mas também pastoral, pois se não for assim, o lado missionário da Igreja será deixado de lado. Uma Igreja preocupada somente com a doutrina permanecerá fechada. O inverso também é válido. A Igreja deve preocupar com ambas as partes para que assim possa viver a sua integridade. É o Sagrado Concílio nos convida a vivermos dessa forma.

Feito essas breves considerações Sobre o evento Vaticano II, falaremos no tópico a seguir, sobre o que nos interessa, que é a sua percepção a cerca da missão da Igreja em meio a sociedade.

2.2.1 A IGREJA MISSIONÁRIA NO VATICANO II

Um dos temas discutidos dos meandros do Concilio Vaticano II, foi a missão. Deve-se lembrar aqui o contexto vivido na sociedade da época. Citamos acima, que o momento vivido era de caos. Imperava o desejo pelo poder, pelo dinheiro e se deixava de lado a busca pela dignidade humana. Isso fez com que o sagrado concílio discutisse e desse uma nova forma a missão da Igreja. Era preciso se posicionar em meio a tanto desafios.

Assim, quando falamos em missão no Vaticano II, devemos ter em mente todo esse contexto que impulsiona a Igreja a pensar em uma missão que tenha como prioridade a vida do ser humano. Não estamos afirmando aqui que a Igreja antes do concílio não tivesse o dado missionário. Se afirmássemos isso estaríamos mentindo, pois a missão é algo que está na essência da Igreja desde os seus primórdios. Porém, as

Assim, teremos um desejo de missão que leve em conta a realidade da sociedade na qual a Igreja está inserida. Como vimos anteriormente, é impensável nessa época, uma Igreja que não esteja atenta aos sinais de seu tempo e que não esteja aberta ao *aggiornamento*. As mudanças são necessárias para que a Igreja consiga se aproximar de um mundo que vivencia a secularidade. De fato, a Igreja do

Vaticano II, vive alguns desafios: A secularidade, o surgimento de outras religiões, o menosprezo pela vida. Por isso o desejo de mudança é forte e necessário.

Que o mundo saiba: a Igreja olha para ele com profunda compreensão, com sincera admiração e com sincero propósito não de conquista-lo, mas de servi-lo; não de desprezá-lo, mas de valorizá-lo; não de condená-lo, mas de confortá-lo e salvar (RESTORI, 2015, p. 69).

Assim, a missão do Vaticano II, se dá sempre no contexto da vida e da realidade. Com isso, o sagrado concílio quer nos levar a sairmos dos âmbitos da Igreja enquanto templo e nos abirmos aos sinais que nos aparecem e clamam a todo momento para serem ouvidos. Um termo bonito utilizado Memori Restori, foi o de que a Igreja do Vaticano II se tornou quase uma “escrava” da humanidade. De fato, a abertura a novos horizontes fez com que a Igreja se abrisse ainda mais ao dado do serviço. Para Restori, parafraseando o papa, a riqueza do concilio se resume a essa abertura ao dado missionário do serviço a humanidade:

Servir o homem em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades. A Igreja declarou-se quase a escrava da humanidade, precisamente no momento em que tanto o seu magistério eclesiástico como o seu governo pastoral adquiriram maior esplendor e vigor devido à solenidade conciliar; a ideia de serviço ocupou o lugar central. (RESTORI, 2015, p. 62).

Assim, o “sair de si” e “ir aos outros” é sempre um movimento interessante, pois mostra que a Igreja está preocupada com tudo aquilo que está ao seu redor. Assim, o autor Hernane Módena afirma que, segundo o documento *Ad Gentes*, a missão é a principal e mais sagrada atividade da Igreja (MÓDENA, 2021, p. 31). De fato, se voltarmos as fontes bíblicas, perceberemos que o movimento de ir ao encontro do outro, sempre foi a prioridade da missão de Jesus.

Percebe-se que o Concílio Vaticano II, não inventa o tema missão de sua cabeça. O que se faz é voltar as fontes primárias, principalmente a bíblia. Somente assim, pode-se afirmar, juntamente com o decreto *Ad Gentes*, que a missão está na essência da Igreja (AG, nº 2). Isso faz com que compreendamos duas coisas importantes para o Vaticano II.

A primeira diz respeito do autor da missão. Para o Vaticano II, a missão nasce na trindade. Assim, nos afirma o decreto *Ad Gentes* :

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão do Filho e do Espírito Santo [...]” (AG, nº 2).

O Concílio coloca no centro a Trindade, mostrando que a missão não é algo pensado pela Criação, mas pelo Criador, que em sua bondade e amor fontal (AG, nº 2), enviou seu Filho, para que nele, toda criação fosse restaurada e conduzida a reconciliação (AG, nº 3), e na qual o Filho, no Pai, envia o Espírito Santo, para que esse realizasse a salvação e guie a Igreja em sua expansão (AG, nº 4). Esse aspecto faz com que nos esvaziemos de nossos egoísmos e nos abramos ao amor do Pai que nos envia.

Tendo esse aspecto em mente, podemos partir para o segundo, que está na participação da humanidade, na missão Divina. Desde a Igreja primitiva, Deus quis contar com a ajuda de homens e mulheres nesse processo de salvação e dilatação da Igreja: Segundo o decreto *Ad Gentes e a Constituição Dogmática Lumen Gentium*:

Aprove, porém, a Deus chamar homens a esta participação na sua vida, não só de modo individual e sem qualquer solidariedade mútua, mas constituindo-os num povo em que seus filhos, que estavam dispersos, se congregassem em unidade (AG, 2001, nº 2).

Como o Filho foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos (cf. Jo 20,21), dizendo: “Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo quanto eu vos mandei (LG, nº 17).

A essa congregação na unidade, podemos chamar Igreja. O concílio Vaticano II, recupera um pensamento de Igreja como sendo o povo de Deus. Nesse sentido, Módena afirma que: A Igreja é o povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (MÓDENA, 2021, p. 32).

Ao fazer essa afirmação, o Concílio quer fazer com que todos os batizados, que pertencem ao corpo místico de Cristo, assumam a sua vocação de missionários, ou seja, a vocação não é algo somente do clero, mas de toda a Igreja que é o povo de Deus. É nesse aspecto que homens e mulheres são enviados a proclamar a boa nova do reino de Deus, não como principio da missão, mas como participantes. Dessa forma, A Igreja povo de Deus é chamado a ser luz para todos os povos (LG, nº 1).

Desse projeto belíssimo que é o Vaticano II, surgem os seus desdobramentos, a qual podemos chamar também de “ação do Vaticano II”. As conferências latino-americanas: Medellín, Puebla, São Domingos e Aparecida, são

pensadas e configuradas através do pensamento do sagrado concílio. O plano dessas conferências será colocar em prática o que foi discutido no concílio.

Assim, a missão será também assumida por esses como algo primordial para as Igrejas da América Latina. O sair dos muros e ir ao encontro daqueles que necessitam será um norte para as Igrejas latinas. E nesse contexto que encontramos também Francisco, o atual papa. Bebendo das fontes do evangelho, do concílio e das conferências, fortalecerá o seu plano de governo. O sua Igreja será uma Igreja atenta aos sinais do tempo e em constante missão.

Assim, o Vaticano II, como o principal movimento da Igreja, nos ajudará a traçar o nosso pensamento de Igreja que está sempre em estado de missão. Juntamente com Francisco iremos trilhar esse caminho tão belo e importante para a Igreja.

3 PAPA FRANCISCO E A IGREJA MISSIONÁRIA

O desejo por uma Igreja missionária não entra na vida do Papa Francisco no dia em que ele se torna sumo pontífice. Essa está presente durante a sua vida. Influenciado pela Sagrada escritura, pelo Vaticano II e pelas conferências advindas desse evento, Francisco se vê motivado a ser Igreja da missão. Em sua vida de Padre, de cardeal e principalmente de papa, Ele deixará que esse pensamento se faça realidade.

Francisco, sempre esteve atento aos acontecimentos da sociedade. Assim como o Vaticano II, ele sempre se preocupou com os sinais de seu tempo. Assim, o seu pensamento ajudará a Igreja a também reconhecer esses sinais. A Igreja deve sempre estar a parte do que acontece com o seu povo, ou seja, as suas alegrias, os seus sofrimentos, os seus sonhos e anseios, etc. George Augustin nos ajuda a refletir:

A Igreja não vive para si, mas está vinculada muito estreitamente à família humana e lhe foi entregue uma tarefa em relação ao mundo. “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angustias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, também são as alegrias e esperanças, as tristezas e as angustias dos discípulos de Cristo (Augustin, 2018, p.137).

A Igreja esta intimamente ligada ao seu povo. Por isso, tudo o que acontece na sociedade é de interesse da Igreja. Ela como membro de Cristo e enviada por Ele, deve ser sinal de alegria, de esperança, de amor, de conforto, de amparo e de mãe, para que assim possa auxiliar e conduzir todos ao reino de Deus. Por esse motivo, o sumo pontífice tem se esforçado em querer uma Igreja que saia de si, e se abra aos outros.

Dessa forma, o seu pontificado será ladeado por elementos que remetem há uma Igreja missionária, como: Igreja em saída, Igreja Inculturada, Igreja da misericórdia, Igreja da escuta, Igreja cujo pastores tenham cheiro das ovelhas, Igreja que evangeliza com alegria etc. Alguns escritos são importantes para entendermos esse pensamento: *Evangelii Gaudium* (2013), *Laudato Si* (2015), *Querida Amazônia* (2020).

O primeiro escrito citado é tido como como um manual missiológico e uma belíssima obra, que têm o intuito de levar os fiéis a uma reflexão e conduzi-los a uma

mudança de mentalidade, fazendo com que compreendam o valor de ser Igreja missionária. Assim, afirma George Augustin:

[...] na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco propôs um programa de saída missionária; trata-se igualmente de uma obra-prima espiritual para a renovação interior dos cristãos e da Igreja, de um convite a refletirmos cristãmente sobre nós próprios, de um estímulo para vivermos com estilo missionário a condição cristã no nosso tempo [...] (AUGUSTIN, 2018, p.138).

É interessante analisar o esforço que o Sumo Pontífice faz para colocar em andamento aquilo que o Sagrado Concílio propôs. O *aggiornamento* se faz presente na vida de Francisco. As mudanças na Liturgia, no direito canônico e na forma de compreender a Igreja missionária nos mostram o quão preocupado e atento Francisco está com a sua Igreja.

Assim, elencaremos alguns aspectos da Igreja missionária de Francisco. Amparado pelo pensamento do Sagrado Concílio, de que a Igreja é o povo de Deus (cf. LG, nº 26), o papa quer com que todos os fiéis compreendam a importância de uma Igreja que saia de si e se coloque em movimento aos outros.

3.1 SER IGREJA EM SAÍDA

O primeiro aspecto que elencaremos é ser uma Igreja em saída. Francisco busca na Sagrada escritura, no Vaticano II, nas conferências que surgem nos pós concílio, nos escritos do magistério posterior, bases para fortalecer o pensamento de que a Igreja é missionária por excelência. Como já vimos anteriormente, a missão parte de Deus, que envia seu Filho ao mundo, e esse no Pai, nos envia o seu Espírito Santo. Nesse primeiro movimento, Deus quis contar com homens e mulheres que levassem a sua missão adiante. Nesse aspecto, envia a sua Igreja aos povos, para que essa seja sinal de salvação.

É desse princípio que Francisco parte. Assim como o Filho e o Espírito foram enviados, a Igreja que é membro de Cristo também é enviada. Assim, Francisco quer uma Igreja em saída aos moldes de Jesus Cristo, que mesmo sendo Deus, se colocou como o primeiro serviçal (cf. Mc 10, 45). Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o papa escreve:

A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária. Fiel ao modelo do mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnância e sem medo. A alegria do Evangelho e para todos, não se pode excluir ninguém. [...]. (EG, 2017, nº 23).

É interessante analisarmos que Francisco coloca Jesus como o centro da missão. A Igreja não é missionária em si própria, mas sim na pessoa e no envio de Cristo. Dessa forma, a missão não é uma forma de engrandecer a Igreja, mas sim de coloca-la em serviço, como sendo sinal da salvação de Deus para todos os povos. Ela é participante dessa missão.

Quando o papa fala em Igreja em saída, está falando não para a Igreja enquanto templo e, não somente ao papa, aos bispos, padres etc, mas a todos os fiéis que fazem parte dela. É sempre bom ressaltar isso, para quebrarmos o pensamento de que a missão da Igreja se resume somente ao clero e religioso(os/as) e que infelizmente circula na Igreja. Nesse aspecto Francisco nos ajuda a refletir:

A Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que “primeiramente”, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam [...] A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precede-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e por isso, ela sabe ir a frente, saber tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar as encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos [...] (EG, 2017, nº 24).

A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica: e antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um mistério que mergulha nas raízes da Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional (EG, 2017, nº111).

O sumo pontífice insiste nesses argumentos, pois percebe que a Igreja está fechada em si mesma, preocupando-se somente com aquilo que lhe diz respeito, deixando de lado assim, muitos que estão excluídos e marginalizados. Para ele, esse movimento de sair de si e ir ao outro é de extrema necessidade. Quando ela se fecha em si, perde o seu essencial. Não ouve a voz de Deus e muito menos do povo suplicante. O papa diz:

[...] Quando a vida interior se fecha nos seus próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem [...]. (EG, 2017, n.2).

Por isso ele é tão enfático em suas palavras. É preciso que sejamos Igreja em saída. É preciso que saíamos do nosso egoísmo. É preciso que tiremos o “tampão” de nossos olhos para que possamos enxergar a realidade. É preciso que saímos do nosso conforto. É preciso que tenhamos audácia. É preciso nos mexermos. É preciso sermos Igreja Missionária.

Esse é um aspecto essencial para que a Igreja seja missionária. O “sair de si” e abrir-se aos outros e as novas realidades é ponto principal para mudarmos o pensamento sobre uma Igreja missionária. O que está no pano de fundo muitas vezes é exatamente esse medo de transformação. Transformar não significa perder o que já se tem, mas sim ganhar muitas outras coisas que auxiliem em sua missão.

O medo de se misturar com aqueles que estão a margem, faz com que a Igreja se feche em si. Francisco quer que esses venham para dentro da Igreja e que nela se sintam acolhidos, seguros, amparados e que possam viver em Jesus Cristo. No abrir-se ao outro e a novas realidades a Igreja só tem a ganhar. Por isso, o medo de se misturar deve ficar de lado. Francisco nos adverte:

Saiamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida [...] (EG, nº 49).

De fato, uma Igreja presa em si não tem muito o que contribuir para a sociedade, e sendo assim está prestes a perecer. Cristo, em sua missão sempre esteve atento a esse aspecto. Nunca se fechou em si, mas se abriu plenamente ao outro que o interpelava. Assim, deve ser também a Igreja, ou seja, sempre aberta, não só fisicamente, mas no que se refere ao acolhimento e abertura ao outro.

Esse é o projeto traçado por Jesus. “Ide por todo mundo e a todos pregai o evangelho” (Mc 16, 15). Para irmos a todos que necessitam, é necessário que nos abramos a missão, que tenhamos coragem de assumir a missão, que tenhamos em nós impregnados essa Igreja que está sempre em saída.

3.2 UMA IGREJA MISSIONÁRIA QUE EVANGELIZE COM ALEGRIA, SE SINTA AMADA POR DEUS PARA PODER AMAR AO PRÓXIMO.

Tendo afirmado que Igreja é missionária por essência, e que assim deve estar sempre em movimento que se abra a toda a realidade, é necessário que destaquemos que essa Igreja em saída deve ser tocada por essa alegria para que assim possa evangelizar. A exortação *Evangelii Gaudium*, em seu próprio nome, já nos leva ao encontro desse aspecto de Igreja missionária pensada por Francisco. Já no começo da exortação, o sumo pontífice afirma que:

“A alegria do evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero com esta exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de convidá-los para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos (EG, 2017, nº 1).

De fato, os missionários enviados só poderão evangelizar com alegria, se primeiramente forem tocados por ela. O Reino de Deus só poderá ser uma realidade para todos, se primeiramente, forem tocados por ele, os discípulos e discipulas de Jesus. Somente transformados pelo reino e que poderão auxiliar os outros nessa transformação.

Para Francisco, há um grande perigo na sociedade atual. A tristeza individualista. Essa faz com que os homens e mulheres se fechem em suas tristezas e assim não se abram as alegrias ofertadas pelo evangelho. Essa tristeza é muito perigosa, pois impede os homens e mulheres de anunciarem as alegrias de Jesus Cristo, levando em conta muitas vezes seus próprios interesses. Essa tristeza conduz ao medo e ao egoísmo.

O medo e o egoísmo paralisam. Por isso a necessidade de serem tocados primeiramente por essa alegria advinda do evangelho de Cristo. Cristãos e cristãs que vivem na tristeza, jamais conseguiram evangelizar na alegria. Por isso, é necessário um movimento interior, libertador, e que leve os cristãos e cristãs a assumirem o

evangelho em suas vidas com alegria, apesar das dificuldades que o mesmo traz consigo.

É somente no encontro com Jesus, que se conseguirá uma mudança sincera de comportamento. Nesse sentido, Augustin (2018, p. 11) nos ajuda a refletir: “Bergoglio nos anima a descobrir, mediante o encontro com o Evangelho de Jesus Cristo, o caminho para uma mudança de mentalidade, uma mudança de coração, uma mudança de estilo”.

É somente nesse contexto que os cristãos e cristas conseguirão viver as exigências que a alegria do evangelho carrega consigo: o amar a Deus e o amar o próximo. É no sentir-se amado por Deus que a Igreja missionária conseguirá amar a todos, até mesmo os “inimigos” (Mt 5, 38-47). O Augustin afirma:

[...] Para podermos penetrar no essencial é preciso – a cada um de nós, à Igreja e a todos os católicos – refletir novamente sobre a mensagem central do Evangelho: amarmos a Deus e seguirmos Jesus Cristo, entregarmo-nos completamente ao serviço do próximo, levar especialmente aos pobres e aos necessitados o Evangelho com palavras e atos [...] (AUGUSTIN, 2018, p. 11).

De fato, a vivencia do Evangelho de Jesus Cristo nos leva primordialmente ao encontro de Deus e do próximo. Se anularmos uma das duas, a vivencia do evangelho será defasada. Quem diz amar a Deus, mas não ama ao próximo é mentiroso (cf. 1 Jo 4, 20). A vivencia do amor ao próximo é uma dimensão essencial do catolicismo. Por isso, Bergoglio enfatiza e muito o tema de uma Igreja que leve em conta, não somente a dimensão espiritual, que é sim de extrema importância, mas também viva a sua dimensão social. O encontro com o próximo e com todas as suas realidades se faz necessário para a Igreja.

Estar aberta a ouvir o clamor do pobre é um ponto crucial para uma Igreja missionária. Deus ouviu o clamor do povo que suplica e está atendo a esse clamor (cf. Ex 3, 7-8). A Igreja sendo instrumento de Deus deve necessariamente fazer esse exercício e coloca-lo em pratica. Assim, Francisco afirma:

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorre-lo [...] Ficar surdo a este clamor, quando somos instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e de seu projeto [...] (EG, 2017, n° 187).

Fechar-se a esse clamor, deixar de ouvir a súplica dos pobres e se fechar também a voz de Deus que nos manda sair em missão, evangelizar e escutar aquele que pede ajuda e no mesmo movimento auxiliá-lo. Por esses motivos, o Sumo Pontífice nos interpela a todo momento a viver também o lado da dimensão social no evangelho. Essa escuta implica em viver o mandato do amor.

Dessa forma, a Igreja juntamente com seus fiéis é chamada a ser sinal efetivo de Deus na sociedade, auxiliando nas necessidades dos irmãos e irmãs que suplicam por socorro como educação, saúde, alimentação, paz. Esses são pedidos constantes do Papa Francisco. O decreto *Ad Gentes* nos leva ao encontro desse pensamento dizendo:

Os fiéis trabalhem e colaborem com todos os outros na reta ordenação dos problemas econômicos e sociais. Dediquem-se, com cuidado especial, à educação das crianças e da juventude por meio das várias espécies de escolas, as quais não de ser consideradas não só como meio exímio de formação e promoção da juventude cristã, mas também, simultaneamente, como serviço da maior importância para os homens, e em particular para as nações em vias de desenvolvimento, a fim de elevar a dignidade do homem e preparar condições de vida mais humanas. Além disso, tomem parte nos esforços dos povos que, lutando contra a fome, a ignorância e a doença, se afadigam por melhorar as condições de vida e por assegurar a paz no mundo. Nesta atividade prestem os fiéis, com prudência, a sua colaboração efetiva às iniciativas promovidas pelas instituições particulares e públicas, pelos governos, pelos organismos internacionais, pelas diversas comunidades cristãs e religiões não-cristãs.

Assim, para se ter uma Igreja que evangelize na alegria é necessário que o missionário se sinta amado por Deus, para que possa amar ao próximo e assim escutá-lo, e nessa escuta atenta possa sair de si e ir ao encontro do outro que suplica, para que assim possa auxiliá-lo, amparando-o em suas necessidades. Esse é o movimento evangelizador do pensamento de Francisco, ou seja, uma Igreja que se sinta amada para que se possa amar.

3.3 UMA IGREJA MISSIONÁRIA QUE VIVA A MISERICORDIA E A CARIDADE

Um outro tema é caro para Francisco. Uma Igreja que seja misericordiosa como o Pai é. O pontífice quer uma Igreja que seja capaz de acolher aos dores do outro, para que assim possa ajudá-lo. Com isso, ele quer quebrar o modelo de uma Igreja autoritária e egoísta. Quer uma Igreja que se abra aos outros, que não tenha

medo de se sujar, que esteja atenta aos sinais do tempo. A parábola do bom samaritano, nos ajuda a refletir sobre isso.

[...] Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Jesus retomou: “Um homem descia de Jerusalém a Jerico, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo”. (Lc, 10, 29-37).

Uma Igreja missionária que não se abra a misericórdia está fadada ao fracasso. É necessário estar atenta a tudo que acontece ao seu lado. A misericórdia, a compaixão, o olhar o próximo, são elementos necessários para se ter uma boa missão. Jesus é o bom samaritano e assim pede que cada um de seus discípulos e discipulas também o sejam. Dessa forma, o pedido de Jesus se estende a sua Igreja, que na relação com os outros deve sempre ter a sua frente a misericórdia.

Na bula *Misericordiae Vultus*, promulgada para o ano da misericórdia, o sumo pontífice nos ajuda a refletir sobre esse elemento indispensável para o cristianismo católico.

Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado. (MV. N° 2).

É interessante analisarmos isso, pois um dos pontos altos da missão é conduzir a criação novamente a Deus. A Igreja como instrumento de Deus na missão, deve ser assim, o rosto de Deus que é misericórdia. Os povos, ao olhar para a ela, devem encontrar Deus e sua misericórdia. Assim, como na parábola do bom Samaritano, a Igreja deve sempre estar atenta aos sofrimentos do seu povo. Ela deve ser amparo e conforto diante das dificuldades. Ela jamais pode fechar os olhos e ficar alheia aos sinais de seus tempos.

Muitos pensam que missão tem haver somente com anúncio e conversão. Francisco, porém, nos mostra e nos pede que possamos ir além. Estar junto do povo de Deus, sentir suas dores, auxiliá-los em suas dificuldades, mostrar o rosto amoroso e misericordioso de Deus, ter compaixão, fazer um com eles, são também sinais de uma Igreja missionária. Assim, já definimos a vida de Jesus anteriormente. Ele anunciava o reino de Deus, pregava a conversão dos pecados, mas também sentia e vivia com o seu povo. Dessa mesma forma, a Igreja deve seguir o exemplo de seu mestre. Assim, o Vaticano II nos convida a refletir que:

Efetivamente, a caridade cristã a todos se estende sem discriminação de raça, condição social ou religião; não espera qualquer lucro ou agradecimento. Portanto, assim como Deus nos amou com um amor gratuito, assim também os fiéis, pela sua caridade, sejam solícitos pelos homens, amando-os com o mesmo zelo com que Deus veio procurá-los. E assim como Cristo percorria todas as cidades e aldeias, curando todas as doenças e todas as enfermidades, proclamando o advento do reino e Deus, do mesmo modo a Igreja, por meio dos seus filhos, estabelece relações com os homens de qualquer condição, de modo especial com os pobres e aflitos, e de bom grado por eles gasta as forças. Participa nas suas alegrias e dores, conhece as suas aspirações e os problemas da sua vida e sofre com eles nas ansiedades da morte, trazendo-lhes a paz e a luz do Evangelho (AG, 2001, n° 12).

Esse movimento, faz com que a Igreja saia de si própria e se abra ao novo. Dai, as palavras de Francisco quando nos adverte: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às seguranças” (EG, 2017, n°49). Uma Igreja que não se abre é uma Igreja fracassada. De fato, a Igreja vive para os outros e não para si própria. Por isso, o papa insiste em pedir que a Igreja seja missionária, e que nesse movimento viva sempre a misericórdia que é o rosto de Deus.

Se a Igreja não viver esse aspecto, a sua relação com o seu povo pode se tornar uma relação de subordinação, no qual um manda e o outro obedece, e essa relação pode desencadear outros problemas, afetando diretamente a missão. Porém,

Bergoglio quer que a Igreja seja uma comunidade perfeita que viva o amor, a misericórdia, o perdão, a compaixão. Somente assim, a Igreja conseguirá desempenhar a sua missão e conduzir o povo ao reino de Deus.

3.4 UMA IGREJA QUE SEJA INCULTURADA

Um outro aspecto da Igreja missionária de Francisco é que ela deve ser Inculturada. Há muito preconceito existente sobre esse termo. Muitos afirmam que é um termo de cunho político; outros afirmam que o mesmo leva a Igreja a caminhos contrários do que Jesus e o próprio magistério pensou; outros ainda não fazem questão de colocar esse em andamento.

A inculturação não tem a ver com aceitar doutrinas e aspectos referentes a outras religiões, culturas e povos, mas do saber se utilizar dos pontos comuns existentes nesses para evangelizar. De fundo é colocar em prática o que o Vaticano II afirmou dizendo que em todos os lugares há a semente do verbo (cf. AG, nº 11). Sendo assim, os pensamentos e afirmações de muitos contra esse aspecto são errôneos, as vezes por malícia e as vezes por falta de conhecimento sobre o mesmo.

Porém, para falarmos sobre o processo de inculturação, será necessário que façamos primeiro um apanhado sobre o que vem a ser cultura. Nesse sentido, o documento de Puebla (1979) nos ajudará a refletir e designar o que vem a ser cultura.

Para Puebla:

Com a palavra “cultura” indica-se a maneira particular como em determinado povo cultivam os homens sua relação com a natureza, suas relações entre si próprios e com Deus, de modo que possam chegar a “um nível verdadeira e plenamente humano”. É “o estilo de vida comum” que caracteriza os diversos povos; por isso é que se fala de “pluralidade de culturas”. A cultura assim entendida abrange a totalidade da vida de um povo: o conjunto dos valores que o animam e dos desvalores que o enfraquecem e que, ao serem partilhados em comum por seus membros, os reúnem na base de uma mesma “consciência coletiva” (EN 18). A cultura abrange, outrossim, as formas através das quais estes valores ou desvalores se exprimem e configuram, isto é, os costumes, a língua, as instituições e estruturas de convivência social, quando não são impedidas ou reprimidas pela intervenção de outras culturas (PUEBLA, 1983, nº 386-387).

Percebe-se através dessa afirmação que a cultura é um bem precioso presente na vida dos povos. Ela indica história, costumes, tradições, valores, normas

que foram construídas durante muito tempo e é preservada de geração em geração. Dai o cuidado que devemos ter com a cultura dos povos. É nesse propósito que Francisco, juntamente com o sagrado concílio e seus desdobramentos nas conferências latino-americanas pensam a inculturação.

Missão não tem a haver com desrespeito e desconstrução, mas sim com respeito e acolhida. O processo de inculturação conduz a esse caminho. A Igreja, em sua missão, deve através da cultura dos povos, leva-los a Deus e ao seu plano salvífico, sem que eles percam aquilo que trazem de precioso consigo. Assim, fez Jesus Cristo e os Apóstolos. No primeiro concílio de Jerusalém, os Apóstolos se reuniram para debaterem se os gentios poderiam ser cristãos ou não. Decidiram que sim. Depois foi debatido se esses deveriam abrir mão da sua cultura, para assimilarem a cultura dos Judeus. Foi afirmado que não era preciso que se tornassem Judeus para serem cristãos e cristãs (cf. At 15, 5-21).

Ainda nesse processo, podemos pensar na figura do apóstolo Paulo, que ao sair em missão para pregar aos gregos, se depara com um altar dedicado a um “Deus desconhecido” (cf. At 17, 22-23). O apóstolo se utiliza desse aspecto para começar um diálogo com os gregos. Vale lembrar que os gregos possuíam uma religião politeísta. O que chama atenção é o “clique” que Paulo tem; o de usar esse elemento grego para iniciar a sua pregação. Através desse ato, o autor afirmará que “alguns” aderiram a religião de Paulo e passaram a seguir Jesus Cristo (cf. At 17, 34).

Essas passagens de Atos dos Apóstolos mostram o quão importante é saber inculturar-se. O quão é necessário saber reconhecer os aspectos que unem as culturas e a partir daí, saber como se comportar e falar. Não é aceitar doutrinas e pensamentos, mas reconhecer os sinais do verbo presentes nas culturas, religiões, povos etc.

É nesse processo que a missão da Igreja se coloca. A evangelização deve levar em conta as culturas existentes. O menosprezo pela mesma leva a defasagem da missão. Assim, a evangelização deve buscar as raízes mais profundas das culturas, pois, como já fora afirmado, é nela que está contida toda riqueza dos povos. Assim, Puebla nos ajuda a refletir:

No quadro desta totalidade, a evangelização procura alcançar a raiz da cultura a zona de seus valores fundamentais, despertando uma conversão que possa ser a base e a garantia da transformação das estruturas e do ambiente social (PUEBLA, 1983, n° 388).

Por isso afirmamos que as relações devem ser geridas no respeito mútuo. Toda cultura deve conduzir, como já vimos, o povo a Deus ou a uma entidade divina. A Igreja só conseguirá entrar nessas culturas, se primeiro procurar compreendê-la e vivê-la. Pode parecer que não faz diferença nenhuma. Porém para o processo de inculturação, viver a cultura do outro, faz sim muita diferença.

Assim, nessa relação de inculturação, a Igreja deve ser sinal da presença de Deus em meio as culturas. O missionário, ao adentrar na mesma, poderá com respeito e com sua vida, ir mostrando as maravilhas que Deus operou em sua vida e assim ir conduzindo os povos ao reino de Deus, que como já fora dito, se estende a todos os povos. Nesse aspecto, podemos afirmar juntamente com o Concílio Vaticano II:

A Igreja tem de estar presente a estes agrupamentos humanos por meio dos seus filhos que entre eles vivem ou a. eles são enviados. Com efeito, todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo Batismo, e a virtude do Espírito Santo por quem na Confirmação foram robustecidos, de tal modo que os demais homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pai (1) e compreendam, mais plenamente o sentido genuíno da vida humana e o vínculo universal da comunidade humana. Para poderem dar frutuosamente este testemunho de Cristo, unam-se a esses homens com estima e caridade, considerem-se a si mesmos como membros dos agrupamentos humanos em que vivem, e participem na vida cultural e social através dos vários intercâmbios e problemas da vida humana; familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas; façam assomar à luz, com alegria e respeito, as sementes do Verbo nelas adormecidas; (AG, 2001, n°11).

De fato, o respeito pela cultura, pela língua, pela religião, pelos povos, pelas raças é necessário para que se tenha uma boa missão. Sem esses cuidados, a missão pode ser prejudicada e intuito de levar Deus as pessoas e atraí-las ao seu reino, pode ser deixada de lado. É nesse aspecto que o Papa Francisco nos chama a atenção. Toda religião, toda cultura, todos os povos, todas as raças, possuem Deus e por isso devem ser amadas e respeitadas. A busca pela unidade é um ponto importante para a Igreja.

Na Exortação Apostólica “Querida Amazônia” o sumo pontífice apresenta esses contextos para a Igreja da Amazônia. Porém, o seu pensamento não deve parar nessa Igreja particular. Um sonho por uma igreja Inculturada e dialogal deve se

espalhar por além fronteiras, ou seja, por todo mundo. O respeito, o amor, o cuidado, o zelo pastoral, o diálogo, a escuta atenta, deve ser de âmbito de toda a Igreja.

Nesse processo de inculturação, deve se levar em conta o amor pelos povos. Como já afirmamos anteriormente, o amor é o que move o missionário a siar de si e ir ao encontro do outro. Da mesma forma, é o amor que conduz o missionário a viver a inculturação. Puebla nos adverte:

A fim de desenvolver sua ação evangelizadora com realismo, a Igreja há de conhecer a cultura da América Latina. Mas ela parte, antes de tudo, de uma profunda atitude de amor aos povos. Deste modo, não só por via científica, mas também pela conatural capacidade de compreensão efetiva que dá o amor, poderá conhecer e discernir as modalidades próprias de nossa cultura, suas crises e desafios históricos e solidarizar-se, em consequência disso, com ela no seio de sua história (PUEBLA, 1983, n° 397).

De fato, em tempos atuais, não viver a inculturação se torna um grande perigo, pois além de fechar a Igreja em si, atrapalham o lado missionário da Igreja, impossibilitando que a mesma consiga adentrar em outras culturas e povos. Porém, é o que se percebe e muito hoje em dia e não é à toa que o papa, em vários de seus escritos nos pede para levarmos esse aspecto em consideração para se ter uma boa missão. Viver o amor e o respeito são as chaves para se conseguir inculturar-se.

3.5 UMA IGREJA QUE SEJA DIALOGAL

Um outro aspecto importante para Francisco é diálogo entre as religiões cristãs e não cristãs. Quando se fala em diálogo inter-religioso, se refere a relação da Igreja com os não batizados. Já quando se remete ao dialogo ecumênico, se refere a relação da Igreja com os cristãos batizados de outras denominações. Para Francisco, manter esse dialogo é de suma importância para que a Igreja possa viver a sua missão.

Quando falamos a respeito do diálogo inter-religioso e do ecumenismo, devemos levar em conta a relação da Igreja com outras religiões, até mesmo não cristas. O concilio Vaticano II teve que conviver com o advento da criação de novas religiões. Isso provocou a Igreja, pois já não se via só em meio a sociedade e por isso uma nova forma de enxergar as realidades teve que ser revista e transformada (cf. SANCHES, 2015, p. 13).

Primeiro precisamos definir o que vem a ser “diálogo”. Segundo o dicionário do Vaticano II, diálogo é a atitude fundante que encaminha pedagogicamente a busca do consenso e que conduz dialeticamente a verdade que se quer afirmar e comunicar (DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II, 2015, p. 266). O mesmo dicionário afirma que o sagrado concílio optou pelo diálogo, para quebrar o paradigma de uma Igreja baseada no autoritarismo, conforme os moldes pré-conciliares. Daí a via utilizada pela alteridade, que leva em conta o pensamento e os anseios de outras religiões, que tem como fim último a verdade revelada (cf. DICIONÁRIO DO CONCÍLIO VATICANO II, 2015, p. 266).

Como a inculturação, esse pensamento dialogal não foi recebido muito bem por alguns. Lembra-se que esse é um dos pontos mais atacados no Vaticano II é pós concílio. Mais uma ressalta-se que as críticas feitas a esse processo infundadas. Para alguns, a abertura ao diálogo conduziu a Igreja a abrir mão de suas verdades, e isso levará a Igreja a destruição. Percebe-se o quanto esse pensamento é errôneo, maldoso e sem fundamento.

Como vimos na afirmação do dicionário, diálogo tem haver com abertura ao pensamento que conduza a verdade em comum. Não se trata de abrir-se a outras realidades que tem como fim último inverdades, mas sim a pensamentos e anseios comuns que conduzam as Igrejas e os povos a verdade plena. Por exemplo: No diálogo entre Igreja católica e Igreja evangélica, podemos levar em conta o pensamento universal sobre a salvação divina advinda da encarnação. Esse é um ponto comum existente entre as duas Igrejas e que pode ser ponte para uma melhor convivência e missão.

É nesse sentido que se encontra o diálogo. Não nos pontos diferentes, mas no que se tem em comum. E esse comum conduziu a verdade plena existente em ambas as religiões. Porém, pode surgir uma questão: E entre os não cristãos? Da mesma forma, existem coisas em comum que aproximam ambas as religiões. Por exemplo, o amor ao próximo. De fato, existem muitas coisas que aproximam as religiões e é por isso que o Papa Francisco insiste em pedir que a Igreja se abra ao diálogo.

Para que isso aconteça, é necessário que encontremos na diversidade um caminho para construirmos pontes. Segundo Sanches, para chegarmos a isso, é necessário que vivamos o pluralismo. Vejamos:

O mundo moderno traz, em seu seio, o pressuposto de que o pluralismo é a melhor forma para a convivência das diferenças. O pluralismo é compreendido como um princípio e uma concepção de mundo que reconhece a diversidade como legítima e como necessária. Desse ponto de vista, a diversidade não é tida como um problema, mas é assumida como um valor necessário para a convivência das pessoas, dos grupos e instituições (SANCHES, 2015, p. 20-21).

Temos aqui um ponto interessante. A vivência do pluralismo nos impulsiona a vivermos a diversidade. As diferenças não devem ser um problema. Pelo contrário, ela deve ser uma ponte que nos leve a vivermos em comunhão. Como já afirmamos, a cultura dos povos não deve ser colocada como problema que impeça a missão, pois ela é um bem precioso contido pelos povos. A cultura, com tudo o que ela contém, deve no guiar a comunhão perfeita desejada por Jesus.

Para fundamentar melhor o nosso pensamento sobre o diálogo ecumênico e o diálogo inter-religioso, nos apoiaremos na conferência de Aparecida (2007). Lembra-se que essa conferência é de suma importância para a vida de Francisco e por isso, o seu pensamento sobre uma Igreja ecumênica e inter-religiosa vai de encontro a Aparecida. Primeiro falaremos do ecumenismo:

A compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduz ao diálogo ecumênico. A relação com os irmãos e irmãs batizados de outras Igrejas e comunidades eclesiais é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário, pois a falta de unidade representa um escândalo, um pecado e um atraso do cumprimento do desejo de Cristo: “Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste” (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2014, n° 227).

O ecumenismo tem como fim último a comunhão plena entre os irmãos batizados. É interessante analisarmos isso para acabarmos com aqueles pré-conceitos citados um pouco acima. Assim, como Jesus quer conduzir todos ao Pai e deseja também que esses vivam em comunhão plena, a Igreja deve fazer o esforço necessário para que isso aconteça.

Por isso, tudo o que impede a vivência do ecumenismo deve ser combatido com força, assim como se combate uma heresia. Tudo o que afasta a comunhão se torna um pecado, pois afasta a vivência do Espírito, e o mesmo não pode ficar preso em um âmbito, pois ele sopra onde quer (cf. Jo 3, 8), e por isso guia a Igreja a fazer comunhão na vivência do ecumenismo. Segundo Aparecida devemos lembrar que “a unidade é antes de tudo um dom do Espírito Santo (n° 230), e como dom, nos é dado

a graça de vivermos segundo o mesmo Espírito, ou seja, formando e zelando pela comunhão entre todos.

Deve-se aqui tomar cuidado para também não levar essa vivência há uma defasagem. O cuidado, o zelo, a observância devem nortear a vivência do ecumenismo, pois muitos motivos e até mesmo a forma errada de compreender e viver esse aspecto, atrasam o desenvolvimento do mesmo. Assim, o documento de Aparecida nos adverte:

Em nosso contexto, o surgimento de novos grupos religiosos, além da tendência a confundir o ecumenismo com o diálogo interreligioso, tem causado obstáculos na conquista de maiores frutos no diálogo ecumênico. Por isso mesmo, incentivamos os ministros ordenados, aos leigos e à vida consagrada a participarem de organismos ecumênicos com cuidadosa preparação e esmerado seguimento dos pastores, e realizarem ações conjuntas nos diversos campos da vida eclesial, pastoral e social. Na verdade, o contato ecumênico favorece a estima recíproca, convoca à escuta comum da palavra de Deus e chama à conversão aqueles que se declaram discípulos e missionários de Jesus Cristo. Esperamos que a promoção da unidade dos cristãos, assumida pelas Conferências Episcopais, se consolide e frutifique sob a luz do Espírito Santo (DOCUMENTO DE APARECIDA, 2014, n° 232).

O diálogo inter-religioso também se faz necessário dentro da Igreja. A Igreja deve perceber que já não está sozinha em meio a sociedade, ou seja, que existem outras religiões. Assim, ela tem que se abrir necessariamente ao diálogo, para que assim possa discutir, compreender, assimilar e conduzir as verdades existentes a plena aplicação. Mais uma vez se lembra que não se trata de assimilar pontos discordantes entre as religiões, mas sim aquilo que as impulsionam a verdade, que é o fim último.

Segundo Sanches, a Igreja pensada por João XXIII é a “Igreja que adota o diálogo como método para ‘voltar-se’ para o mundo com a finalidade de contribuir humildemente na solução dos problemas e servir a toda humanidade (SANCHES, 2015, p. 19)”. Pensando com Francisco, podemos ir um pouco mais além. O diálogo inter-religioso, nos leva de encontro não só com a humanidade, mas com toda criação. Cita-se aqui o documento *Laudato Si* (2015), que para mim é um dos mais belos escritos do sumo pontífice.

De fato, a ecologia, o cuidado com a casa comum, o zelo pela flora, pela fauna, os problemas referentes a criação, não são problemas íntimos da Igreja católica, mas sim de todas as religiões. Francisco convida a todos a olharem com atenção esses aspectos. O diálogo nos leva a enfrentarmos juntos esses problemas

tão atuais. Percebe-se aqui o empenho do papa, para mostrar a importância do diálogo entre as religiões.

Esse é um ponto essencial para assumirmos o diálogo entre as religiões como um elemento indispensável. De fato, a comunhão entre religiões é um ponto culminante para sanarmos vários problemas existentes na sociedade. Por isso, afirmamos que o que une essas religiões devem ter mais destaque do que as separa. Se focarmos nos pontos diferentes entre as religiões, nunca conseguiremos atingir a comunhão que o próprio Jesus, em seu Espírito nos pede. Por isso é necessário que façamos um exercício individual e comunitário para colocarmos esse aspecto tão interessante que recebemos do Sagrado Concílio em prática e sairmos de nosso individualismo.

Assim, tanto o diálogo ecumênico quanto o diálogo inter-religioso nos lançam a sairmos dos nossos medos e nos impulsionam a vivência do respeito, do amor, da caridade, da comunhão e da ajuda mútua. Ambas nos fortalecem para a missão árdua de nos tornarmos um só povo. Dizemos árdua, pois reconhecemos os desafios atuais para se colocar em prática esses dois aspectos.

Portanto, passamos por alguns aspectos da Igreja missionária pensada por Francisco. Para ele, essa deve ser uma Igreja em saída que viva na alegria e evangelize na alegria do evangelho e que para que isso aconteça deve ser uma Igreja da misericórdia, que consiga viver a inculturação e o diálogo. Vivendo assim, será entre os povos sinal de Deus e sendo sinal somos chamados a viver o respeito, o amor, a compaixão, a caridade, a escuta etc.

4 OS DESAFIOS ATUAIS DA IGREJA E DA SOCIEDADE PARA FRANCISCO

Feito todo um estudo sobre a Igreja missionária desejada por Francisco, é necessário agora que falemos dos desafios atuais que impedem muitas vezes que esse seja colocado em prática. Muitos desses desafios partem da sociedade que amparada por ideias ideológicas buscam outros caminhos. Outros se encontram dentro da própria Igreja Católica. A não aceitação de alguns pelo projeto do Vaticano II, outros pela ideia de não comunhão com o papa e os bispos, outros ainda que seguem ideias de falsos pastores, colocando em xeque assim o pensamento do Papa Francisco.

Esses problemas, desencadeiam no processo da não comunhão entre a sociedade e a Igreja e entre a Igreja e seus membros. Isso faz com que a semente lançada por Francisco seja sufocada. Dai o empenho de trazer a tona o pensamento de Igreja missionária de Francisco, afim de colocarmos adubo nessa semente para que ela possa florescer.

Nesse sentido, temos uma sociedade e uma Igreja que busca muitas vezes outros vícios. A felicidade não está em viver o bem comum. Ela também não está na vivencia da comunhão e da fraternidade. Ela também não está no diálogo. Ela também não está na convivência e na ajuda aos irmãos e irmãs. E tão pouco está na escuta da palavra de Deus, na vivencia do amor, da misericórdia, da caridade. A felicidade está para muitos no individualismo, no egocentrismo, no perfeccionismo, etc.

Não é à toa que percebemos o grande aumento de suicídios, ansiedades, doenças psicológicas, atos racistas e homofônicos, de intolerância religiosa etc. Isso nos mostra o quão distante a sociedade está do pensamento do concílio Vaticano II e consequentemente do Papa Francisco. Como vimos, o sumo pontífice nos indica a vivência da comunhão plena. Mas esses fatores nos levam cada vez mais ao distanciamento.

De fato, percebemos muitas vezes na sociedade, a vivencia de características que não acrescentam em nada, como a falta de amor, de compaixão, de misericórdia, de afeto, de ajuda mútua, de comunhão. São fatores que colocam o ser humano de lado.

Esses problemas parecem existir somente em meio a sociedade. Porém, o que mais se percebe dentro da Igreja atual são esses fatores. Também dentro da Igreja, esses desafios levam a falta de comunhão, o que se torna um grande perigo,

pois onde não a comunhão, o Espírito de Deus não habita. Por isso, juntamente com Francisco, chamamos atenção para esses problemas. Devemos como Igreja e como sociedade, buscar a transformação plena.

Um dos grandes desafios do mundo atual para Francisco é o de viver a alegria. Para ele, o mundo está mergulhado em meio as tristezas. Essas, fazem com que desanimemos e assim deixemos de lado muitas coisas essenciais para a vida do ser humano, como por exemplo as relações entre pessoas, o formar comunidade, o ser Igreja missionária, o preocupar-se com o bem comum de todos, o saber escutar os apelos de nossos irmãos e irmãs.

De fato, a falta de animo nos leva a nos trancarmos em nós mesmos, nos tornando assim individualistas. Para o papa, esse problema deve ser sanado. Por isso nos apresenta em seu plano de governo a exortação *Evangelii Gaudium*. Encontrar no evangelho a alegria que nos liberta é ponta crucial para podermos vencer esse mal tão atual.

Para Francisco é somente no contato com Cristo que conseguiremos sair dessa penumbra que são as tristezas e decepções. Quer que saiamos dessa para podermos encontrar na alegria do evangelho com nossos irmãos e irmãs. Somente nesse impulso conseguiremos sair dos nossos muros e irmos até aqueles que nos interpelam. Assim ele nos diz:

A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria. Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos. (EG, n°1).

Um outro problema destaca do por Francisco de se dá no âmbito social. Muitos de nossos irmãos e irmãs vivem de forma precária. Não tem o que comer, o que beber, o que vestir, onde morar. Não possuem saúde e educação digna. No fundo, são deixados a margem da sociedade. Sendo assim, a Igreja não pode e não deve ficar alheia a esses problemas.

Assim, nos chama a atenção para agirmos também nesses âmbitos. É necessário que Igreja faça o seu papel de mãe, é necessário que a Igreja cuide dos seus filhos e filhas. É necessário que a Igreja esteja atenta ao clamor do povo que suplica por ajuda. De fato, muitos dos que se dizem cristãos e cristãs não estão

ligando para essa situação. Porém, Francisco nos interpela e pede que sejamos Igreja em saída também nessas situações.

Por isso, no documento *Evangelii Gaudium*, Francisco nos pede que nos posicionemos contra uma economia da exclusão; contra a idolatria do dinheiro; contra a desigualdade social, contra a intolerância religiosa, contra os ataques que ferem as culturas, contra o indiferentismo religioso (cf. EG, n° 47-74). De fato, esses problemas devem ser combatidos, uma vez que coloca em risco a vida de pessoas. A igreja, como membro de Cristo não pode ser conivente com essas situações. Assim nos leva a refletir:

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspectores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de os libertar (...). E agora, vai; eu te envio...» (Ex 3, 7-8.10). E Ele mostra-Se solícito com as suas necessidades: «Os filhos de Israel clamaram, então, ao Senhor, e o Senhor enviou-lhes um salvador» (Jz 3, 15). Ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto, porque esse pobre «clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo tornar-se-ia 62 para ti um pecado» (Dt 15, 9). E a falta de solidariedade, nas suas necessidades, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus: «Se te amaldiçoa na amargura da sua alma, Aquele que o criou ouvirá a sua oração» (Sir 4, 6). Sempre retorna a antiga pergunta: «Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele?» (1 Jo 3, 17). Lembremos também com quanta convicção o Apóstolo São Tiago retomava a imagem do clamor dos oprimidos: «Olhai que o salário que não pagastes, aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, está a clamar; e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo» (5, 4). (EG, n° 187).

Um outro problema destacado por Francisco é o cuidado com a natureza. Para ele, esse é um dos principais problemas da atualidade. De fato, o ser humano usufrui erroneamente daquilo que a natureza nos dá com bondade. Tanto no documento *Evangelii Gaudium* quanto na *Laudato Sí*, o pontífice nos leva a refletir sobre esse problema. O cuidado com a criação é de responsabilidade nossa: Assim, ele afirma:

Há outros seres frágeis e indefesos, que muitas vezes ficam à mercê dos interesses económicos ou dum uso indiscriminado. Refiro-me ao conjunto da criação. Nós, os seres humanos, não somos meramente beneficiários, mas guardiões das outras criaturas. Pela nossa realidade corpórea, Deus uniu-nos tão estreitamente ao mundo que nos rodeia, que a desertificação do solo

é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação. Não deixemos que, à nossa passagem, fiquem sinais de destruição e de morte que afetem a nossa vida e a das gerações futuras.[177] Neste sentido, faço meu o expressivo e profético lamento que, já há vários anos, formularam os Bispos das Filipinas: «Uma incrível variedade de incestos vivia no bosque; e estavam ocupados com todo o tipo de tarefas. (...) Os pássaros voavam pelo ar, as suas penas brilhantes e os seus variados gorjeios acrescentavam cor e melodia ao verde dos bosques. (...) Deus quis que esta terra fosse para nós, suas criaturas especiais, mas não para a podermos destruir ou transformar num baldio. (...) Depois de uma única noite de chuva, observa os rios de castanho-chocolate da tua localidade e lembra-te que estão a arrastar o sangue vivo da terra para o mar. (...) como poderão os peixes nadar em esgotos como o rio Pasig e muitos outros rios que poluímos? Quem transformou o maravilhoso mundo marinho em cemitérios subaquáticos despojados de vida e de cor?» (EG, n° 215).

A destruição do ambiente humano é um facto muito grave, porque, por um lado, Deus confiou o mundo ao ser humano e, por outro, a própria vida humana é um dom que deve ser protegido de várias formas de degradação. Toda a pretensão de cuidar e melhorar o mundo requer mudanças profundas «nos estilos de vida, nos modelos de produção e de consumo, nas estruturas consolidadas de poder, que hoje regem as sociedades».7 O progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e «ter em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado».8 Assim, a capacidade do ser humano transformar a realidade deve desenvolver-se com base na doação originária das coisas por parte de Deus. (LS, n° 4).

De fato, a missão da Igreja perpassa também por esse âmbito. O cuidado com a Criação, com a casa comum, com a fauna, com a flora, com a humanidade deve ser de interesse da Igreja. Como já afirmamos, a mesma não pode ficar alheia a esses problemas. Ela deve ser sim a primeira impulsionadora a tentar resolver esses.

É nesse quesito que o pensamento de Francisco sobre uma Igreja missionária se coloca. Devemos sair de nossos muros e ir a lugares até então intocáveis. O posicionar-se contra esses problemas, o se colocar em prontidão e missão, o lutar pela comunhão plena, são fatores determinantes para uma mudança de pensamento e principalmente de comportamentos.

Apontamos aqui, alguns problemas que devem ser impulsionadores para o processo missionário da Igreja. Ficar presa em si e fechar os olhos e ou ouvidos para os apelos atuais. A Igreja não deve ter medo de sair; não deve ter medo de se posicionar; não deve ter medo de escutar os apelos. A Igreja deve se colocar de prontidão para evangelizar e sanar as necessidades daqueles que clamam e não escutados.

Assim, falaremos agora sobre essa Igreja missionária e forma que ela deve agir em meio aos desafios atuais. Um desses desafios é de ser e se sentir Igreja missionária.

4.1 SER IGREJA MISSIONÁRIA EM MEIO AOS DESAFIOS ATUAIS

Em meio a todos esses problemas, vem junto o de ser Igreja missionária. Percebe-se por partes de alguns da Igreja o desdenho por esse aspecto. Porém, como já fora dito, a missão faz parte da essência da Igreja e por isso, o Papa Francisco insiste tanto em nos pedir que sejamos missionários e missionárias. Quer assim que saímos de nossos muros e nos arrisquemos no mundo por nossos irmãos e irmãs.

Porém, para sermos essa Igreja é necessário que tenhamos empregados em nós esse desejo pela missão. É necessário que nos conheçamos como missionários. É necessário que percebamos que a missão faz parte indizível de cada um de nós. É preciso que tenhamos a consciência de que a missão não é algo próprio dos bispos e padres, mas sim de toda a Igreja que o povo de Deus. Nesse sentido Francisco nos adverte:

Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. Esta convicção transforma-se num apelo dirigido a cada cristão para que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização, porque, se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo, não pode esperar que lhe deem muitas lições ou longas instruções. Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários». Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os 41 primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: «Encontrámos o Messias» (Jo 1, 41). A Samaritana, logo que terminou o seu diálogo com Jesus, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus «devido às palavras da mulher» (Jo 4, 39). Também São Paulo, depois do seu encontro com Jesus Cristo, «começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus era o Filho de Deus» (At 9, 20). Porque esperamos nós? (EG, 2013, p. 120).

É interessante analisarmos estas palavras de Francisco, pois daí surge um outro problema que impossibilita muitas vezes o reconhecimento do cristão e da cristã como discípulo e discipula missionário. Este tem a ver com o grau de reconhecimento, de grandeza, de função, de aproximação com o padre entre outros fatores. O sumo pontífice deixa claro que o que nos torna missionários e missionárias não são nenhum desses aspectos citados, mas sim o de sermos batizados e batizadas. De fato, é essa marca indelével do batismo que nos impulsiona a sermos seguidores de Cristo. É através desse Sacramento que somos convidados a sermos Igreja na comunidade dos fiéis. E é essa comunidade, a qual fazemos parte, que é enviada em missão.

Assim, Francisco convida a todos os homens e mulheres batizados a serem Igreja missionária. Convida a todos a saírem de suas comodidades e partirem em missão. Quando falamos em comodidade, falamos em tudo o que nos prende e nos impede de aceitarmos o dado missionário em nossas vidas, como o medo, a preguiça, o ódio, o rancor, a tristeza etc.

Aqui lembramos um aspecto importante para Francisco. O missionário deve se sentir amado por Deus para que assim possa amar ao próximo. Se os discípulos e as discipulas de Cristo não fizerem essa experiência não conseguirão ser efetivos na missão, pois um seguidor e uma seguidora de Cristo que não vive no amor para poder amar, jamais conseguirá ser sal da terra e luz do mundo entre os povos. Somente quem experimenta o amor, pode evangelizar com amor.

Para Augustin, esse é dos aspectos da espiritualidade missionária. O cuidar da relação com Deus. Jesus Cristo é o nosso maior exemplo. Ele saía em missão, mas também orava. O autor nos recorda esse fator tão importante:

O pressuposto básico de toda a espiritualidade missionária e a relação pessoal que cada indivíduo com Deus. Cada um de nós deve empreender uma peregrinação interior para redescobrir a essência do ser cristão: a relação pessoal e transformadora da vida com Jesus Cristo, a chamada ao seguimento e à vida com Jesus Cristo. O exemplo para a nossa vida é a vida de com o seu Pai. Se o indivíduo estiver unido a Deus, atuar a partir dessa união com Deus e constituir juntamente com os outros cativados por Deus a comunidade eclesial, então a Igreja poderá viver a sua missão [...] (AUGUSTIN, 2018, p. 139-140).

Um outro ponto importante e que pode se tornar também um grande problema para o processo de missão, é o fato de achar que a missão depende de somente de nossos esforços. Esse fator vai diretamente ao contrário do que acabamos de citar acima. Deus é quem envia e capacita os seus enviados. A missão

não é e nem depende do agente missionário. Afirmamos isso, pois isso pode fazer com que caiamos no referencialíssimo, e assim achemos que somente nós somos missionários ou por outro lado também pode nos fechar a missão. Augustin destaca:

[...] Em contrapartida, como mera assembleia de pessoas centradas no seu eu, a igreja se tornará autorreferencial. Nesse caso, se arvorará em critério para todas as coisas. Só uma relação pessoal com Deus, vivida e experienciada, poderá superar o egoísmo humano e a tentação de nos centrarmos no eu (AUGUSTIN, 2018, p. 140)

Ao reconhecermos dependentes de Deus e de seu amor, conseguiremos nos perceber como participantes de sua missão e assim sermos testemunhas de Cristo e levar a sua mensagem a todos os que necessitam ouvi-la. Assim, nos ajuda a refletir Augustin:

A espiritualidade missionária inclui a certeza sobre a nossa missão mais específica. Como cristãos chamados e enviados por Cristo, somos partícipes do seu mistério; somos enviados ao mundo como mensageiros de Cristo: “iluminar, abençoar, vivificar, levantar, sarar e libertar (EG, 273). Cristo precisa de legados, de porta vozes de testemunhas, para que a sua mensagem chegue às pessoas através não só do seu testemunho, mas do mistério salvífico da Igreja. (AUGUSTIN, 2018, p. 142).

É nesse sentido que Francisco quer chamar a nossa atenção. A Igreja necessita de homens e mulheres que levem a palavra de Deus a lugares difíceis, ou como o próprio pontífice diz: “aos novos areópagos” (cf.). Esses serão mais importantes ainda em lugares que a Igreja não pode chegar como: as escolas, o trabalho, as famílias etc.

Por isso ele é tão radical quando afirma que quer uma Igreja sempre em saída, que saia de seus egoísmos e medos e se misture a sociedade que interpela e clama a todo momento por cuidados e atenção. O ato de evangelizar pensado por Francisco não é vazio e sem direção. O ponto final é conduzir a criação a Deus e formar uma comunidade perfeita no respeito, no diálogo, no amor, na escuta, no perdão, na caridade, na misericórdia, como já vimos no capítulo anterior.

De fato, devemos cada vez mais criar em nos esse desejo pela missão. Devemos também internar em nós a alegria de sermos participantes dessa missão. Deus confiou a Igreja seus filhos e filhas. Assim é um dever nosso como Igreja de Cristo, zelar e cuidar dos seus. Por isso, devemos externar o que vivemos e sentimos do evangelho. Isso nos garante a alegria de sermos missionários e missionárias. A

alegria contagiante do evangelho deve nos impulsionar a sairmos de nós mesmos. Assim, como fomos tocados por ele devemos levar essa alegria a outros lugares.

Portanto sejamos verdadeiros missionários aos moldes de Cristo. Levemos sempre Deus, com alegria e esperança, a todos os lugares do mundo. É necessário que todos possam sentir que Deus está em nosso meio, não nos julgando, mas nos amando e nos impulsionando a amar. Vençamos os desafios que nos impedem de nos reconhecermos ou de sermos verdadeiros missionários. Deixemos de lado o medo, as angustias, a falta de amor, o ódio, o individualismo. Somente assim, conseguiremos viver intensamente a nossa missão de sermos Igreja em saída.

4.1.1 CRISTÕES E CRISTÃS QUE EVANGELIZAM COM ALEGRIA

Como já vimos, esse é um ponto importante para Francisco. Evangelizar com alegria é o caminho seguro para se ter uma boa missão. De fato, ter evangelizadores com cara de “zumbi” e coração como um “sepulcro caiado” parecem não ser fatores que agregam no processo de evangelização. Francisco assim, nos chama a atenção para evangelizadores que se abram a alegria do evangelho. É nessa alegria que poderão encontrar força e segurança para a missão.

Quando falamos em alegria, não nos remetemos aqueles que possuem um sorriso largo em seus rostos. Nos remetemos à aquelas pessoas que se deixam conduzir pelo evangelho. O missionário e a missionária devem aquele que vive em sua vida as palavras de Cristo. O evangelho se torna o norte da vida dos seguidores e seguidoras de Jesus.

Esse é um ponto interessante. Aqueles que evangelizam devem ser os primeiros a serem evangelizados. Esse é um risco corriqueiro na vida dos evangelizadores. Acharem que estão sempre prontos e que não precisam ter um contato permanente com a palavra de Deus. Por isso, o Papa Francisco chama a atenção para uma vida de oração. Cuidar do contato pessoal com Deus, como já vimos, é um ponto que tem que ser colocado como principio na vida dos evangelizadores.

Essa alegria tem a ver com o sentir-se amado. Os seguidores e seguidoras de Deus nesse contato permanente com aquele que é o autor da missão, se sente amado e assim pode na alegria desse amor evangelizar. O primado é sempre de Deus

que ama os seus filhos e filhas e envia através desse amor a amar a todos, saindo assim em missão e sendo cooperadores do amor eterno. Assim Francisco nos impulsiona:

Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis chamar-nos para cooperar com Ele e impelir-nos com a força do seu Espírito. A verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir, aquela que Ele inspira, aquela que Ele provoca, aquela que Ele orienta e acompanha de mil e uma maneiras. Em toda a vida da Igreja, deve-se sempre manifestar que a iniciativa pertence a Deus, «porque Ele nos amou primeiro» (1 Jo 4, 19) e é «só Deus que faz crescer» (1 Cor 3, 7). Esta convicção permite-nos manter a alegria no meio duma tarefa tão exigente e desafiadora que ocupa inteiramente a nossa vida. Pede-nos tudo, mas ao mesmo tempo dá-nos tudo. (EG, nº 12).

De fato, reconhecer a primazia de Deus na missão e sentir-se amado por ele, são o que impele os evangelizadores a viverem na alegria e assim saírem de seu comodismo e evangelizar. Essa alegria deve transbordar. O amor de Deus não pode ficar preso. Ele deve sim ser espalhado em todos os lugares, em todas as cidades e países.

Assim, Francisco nos convida a vivermos a alegria do Evangelho. Nos convida a nos sentirmos amados por Deus. Nos convida a reconhecermos a primazia de Deus em nossa vida. Nos convida a vivermos através desse amor a doação completa, assim como o próprio Jesus. Se a alegria do evangelho não nos impulsionar a doação e ao amor, estaremos vivendo de forma errada a nossa vocação missionária. De fato, essa alegria deve nos tirar de nosso conforto.

Assim, devemos sempre ter o cuidado de não nos deixarmos trair pelas falsas alegrias. Essas enfraquecem o discipulado e os levam ao comodismo, ao individualismo, ao egoísmo, ao egocentrismo, ao fechamento ao outro. Deve-se estar sempre atento a vós de Deus, o verdadeiro pastor. Sabemos e percebemos que em nosso meio vivem pastores que querem tirar proveito das ovelhas. Por isso, devemos saber discernir a vós verdadeira, que aquele que nos tira de nossas prisões e nos impulsiona a vivermos a doação e o amor. Francisco afirma:

Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De facto, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais. Quando a Igreja faz apelo ao compromisso evangelizador, não faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: «Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”. Isto é, definitivamente, a missão (EG, nº 10).

A evangelização só terá sentido se formos impulsionados aos outros. Um evangelho que nos prende, não pode ser um evangelho verdadeiro. O evangelizador deve ser aquele que, guiado pelo Espírito, tenha coragem, audácia, força, alegria de olhar para si, vencer os desafios existentes e sair em missão ao encontro do outro. Nesse quesito, podemos afirmar juntamente com Francisco e com Puebla, que a missão deve necessariamente nos impulsionar aos pobres.

A opção preferencial pelos pobres não tem nada a ver com política e ideologia como muitos pensam, mas sim com a própria escolha de Jesus. Se olharmos atentamente para sua vida, perceberemos que Ele escolheu dentre tantos, pecadores. A sua conduta de vida foi sempre direcionada ao excluídos e marginalizados. Basta olharmos quantas curas, quantos milagres, quantos diálogos Jesus praticou. Se olharmos atentamente o sermão da montanha (cf. Mt 5), entenderemos bem essa escolha. As palavras proferidas por Ele nos levam a crer e compreender que essa também é a missão da Igreja em sua evangelização: O que fizerdes ao menor dos meus irmãos é a mim que estará fazendo (cf. Mt 5, 40).

Assim, o pensamento de Puebla não se afasta do pensamento da Igreja. Francisco bebe dessa fonte e por isso nos pede que saímos e evangelizemos com alegria os pobres, marginalizados e excluídos. Essa é uma missão que o próprio Jesus confiou a Igreja. A salvação e a alegria devem alcançar a todos. Ninguém deve ser excluído e oprimido. Assim, juntamente com Puebla, o sumo pontífice nos convida a conversão e mudança de pensamento.

A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros.³³⁰ Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação (PUEBLA, n°1134)

Puebla de fato é um norte para compreendemos o dado missionário da Igreja. Usando as palavras do Sagrado concílio, essa conferência é um grande sinal de nossos tempos. Ela nos indica que em nossos tempos existem muitos irmãos e irmãs necessitados da presença da Igreja e assim nos pede também que saíamos de nosso egoísmo e busquemos fazer comunhão com esses irmãos.

Evangelizar na alegria significa isso. O sair de sí e ir ao outro. Não seja o missionário e a missionária sinais de destruição, mas sim sinais da presença de um Deus e de uma Igreja que cuida e zela pelos seus. A mudança de pensamento é necessária. Enquanto tivermos a ideia impregnada de que os pobres não existem ou que o dever de cuidar deles é do governo, não estaremos vivendo verdadeiramente a nossa missão de ser Igreja no mundo

Assim, o nosso papel como evangelizador é ajudar a todos os nossos irmãos e irmãs, incluindo os pobres e excluídos, a adentrarem o reino de Deus. Esse foi o pedido de Jesus. Ide e fazei por todo mundo discípulos e discipulas (cf. Mt 28, 19-20). Puebla nos impulsiona a pensarmos dessa maneira e nos ajuda a nos aproximarmos melhor desse mistério.

Ao aproximar-nos do pobre para acompanhá-lo e servi-lo, fazemos o que Cristo nos ensinou, quando se fez irmão nosso, pobre como nós. Por isso o serviço dos pobres é medida privilegiada, embora não exclusiva, de nosso seguimento de Cristo. O melhor serviço do irmão é a evangelização que o dispõe a realizar-se como filho de Deus, o liberta das injustiças e o promove integralmente (PUEBLA, nº 1145).

Francisco assim, nos pede também que tenhamos zelo nesse tipo de evangelização. Não esqueçamos dos nossos irmãos que sofrem diariamente por causa do descaso das vias públicas e infelizmente por descaso por parte de muitos que se dizem Igreja. É uma obrigação que nos temos. De acompanhar os nossos irmãos e irmãs que sofrem e suplicam cuidados a Igreja. Assim, Francisco nos impele: “Deriva da nossa fé em Cristo, que Se fez pobre e sempre Se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade.” (EG, nº186).

Portanto vivamos nossa vocação de evangelizadores na alegria, e levemos essa alegria a todos. Cristo nos envia a sermos seus sinais na sociedade. Juntamente, Francisco nos envia a sermos entre os desafios atuais, sinais de Deus, na alegria do evangelho e no amor a toda criação.

4.2 EVANGELIZAÇÃO: ELEMENTO TRANSFORMADOR

Feito uma análise sobre a evangelização na alegria, falaremos agora sobre a evangelização como elemento transformador. Percebemos anteriormente que o ato

de evangelizar deve encontrar todas as pessoas, pois a salvação concedida por Deus se entende a todos os homens e mulheres, se estende a toda criação. Alcançando a totalidade é necessário que está modifique o lugar onde toque. Assim, todos os homens e mulheres e toda a criação deve ser transformada pela evangelização. A alegria deve imperar e assim, tudo o que a impeça deve ser modificada.

Quando olhamos para a situação do mundo atual e percebemos toda a sua mazela, é necessário que através do ato de evangelizar se leve toda a criação a plenitude. As palavras de Jesus se encaixam bem aqui: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (cf. Jo 10, 10). Ter vida significa viver na alegria do evangelho e ter os bens necessários para a sobrevivência. A plenitude será completa quando o homem for salvo integralmente.

Por isso a preocupação de Francisco e da Igreja com toda essa situação. Não se pode ficar alheio a tanta exclusão. Fala-se tanto de salvação, mas nós mesmos não fazemos nada para que ela alcance a totalidade. Por isso o sair de si é importante. A páscoa só será completa quando todos poderem participar da ceia. De fato, a páscoa aconteceu e acontece todos os dias. Mas enquanto tiver pessoas passando fome, frio, sede, sem lugar para morar e repousar. Enquanto tiverem pessoas morrendo nas filas dos hospitais. Enquanto não houver educação digna para todos. Enquanto houver racismo, intolerância religiosa, homofobia entre outros problemas, a páscoa não aconteceu verdadeiramente em nosso meio. Francisco nos aconselha:

A Igreja reconheceu que a exigência de ouvir este clamor deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, pelo que não se trata de uma missão reservada apenas a alguns: «A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças».[153] Nesta linha, se pode entender o pedido de Jesus aos seus discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37), que envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos. Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra «solidariedade» significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação duma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. (EG, n° 188).

Por esse motivo temos que pensar na evangelização como um elemento transformador. Ela deve nos impulsionar a viver a páscoa em sua plenitude, no qual todos os homens e mulheres e toda a criação possa participar da ceia e da salvação

de Deus concedida a todos. A evangelização deve nos tirar do nosso sossego e nos colocar de frente com os sinais do tempo.

Por isso o apelo do Vaticano II e também do sumo pontífice por uma transformação na mentalidade e na forma de evangelizar. Devemos tirar os “tampões” de nossos olhos e enxergarmos a realidade na qual pisamos. O perigo é quereremos viver a religião meramente espiritual sem levar em conta a realidade em que estamos. A religião deve nos levar a vivenciar as duas dimensões: A espiritual e a que toda a realidade. Por esse motivo Francisco nos pede que estejamos sempre vigilantes, mas também em constante missão.

A espiritualidade missionária desenvolve a coragem para a autocrítica e para o autêntico exame de consciência, em vez de pôr a culpa “nos outros” ou “na Igreja”. O Papa Francisco apela para uma nova motivação de todo o povo de Deus e chama a nossa atenção para as razões pelas quais, na Igreja, necessitamos de uma mudança de mentalidade e de um novo estilo. Tem de acontecer nada menos que uma revolução do coração e do amor. (AUGUSTIN, 2018, p. 146).

A vivência da espiritualidade deve nos conduzir a tocarmos as feridas do mundo. Se assim não for, ela será sempre vazia. O contato com Deus nos transforma e assim somos impulsionados a transformar também a realidade em que vivemos. Se ouvimos a voz de Deus e temos a certeza de que ela nos transforma e nos ajuda, devemos assim também ser porta-vozes dessa palavra transformadora.

De fato, o evangelho mexe com as nossas estruturas, nos inquieta, nos perturba nos tira o nosso sossego. Assim, nos impulsiona a vivermos o serviço em nossa vida. Aqui devemos ter em mente que esse serviço não se dá da forma que muitas vezes concebemos e temos conhecimento. Não se trata de algo assalariado, com horas exatas de trabalho etc. Se trata da motivação de nos sentirmos chamados e vocacionados a sermos trabalhadores da messe de Deus.

Assim como o amor de Deus nos alcançou, nos também queremos e sentimos o desejo que esse amor alcance a todos os nossos irmãos e irmãs. É um movimento espontâneo gerado nos mais profundo do nosso ser. A vivência da espiritualidade deve também nos conduzir a termos responsabilidade no ato de servir ao próximo, assim como Jesus serviu. Augustin nos ajuda a refletir:

A espiritualidade missionária encontra o critério da sua autenticidade no espírito do serviço, numa motivação que nasce do conhecimento interior e

num sentimento de responsabilidade pessoal pela difusão do Evangelho. (AUGUSTIN, 2018, p. 147-148)

De fato, devemos sempre nos colocar a disposição do reino. Somente assim conseguiremos fazer com a evangelização transformadora toque a vida de todos os homens e mulheres. Se ficarmos presos em nossas casas físicas e interiores, estaremos sufocando a palavra de Deus. Lembro-me aqui da parábola do semeador. Vejamos:

Ouvi, portanto, a parábola do semeador. Alguém ouve a palavra do Reino e não a entende; vem o Maligno e arrebatou o que foi semeado no seu coração. Esse é o que foi semeado na beira do caminho. O que foi semeado em lugares pedregosos, é aquele que ouve a Palavra e a recebe imediatamente com alegria, mas não tem raiz em si mesmo, é de momento: quando surge uma tribulação ou uma perseguição por causa da Palavra, logo sucumbe. O que foi semeado entre os espinhos é aquele que ouve a Palavra, mas os cuidados do mundo e a sedução da riqueza sufocam a Palavra e ela torna infrutífera. O que foi semeado em terra boa é aquele que ouve a Palavra e a entende. Esse dá fruto, produzindo à razão de cem, de sessenta e de trinta (Mt 13, 18-23).

Não devemos agir como aqueles que foram semeados na beira no caminho ou entre as pedras e os espinhos. Sufocar a palavra de Deus não nos é permitido. Devemos agir sim como aqueles que foram plantados em terra boa. Devemos nos colocar a serviço do reino e a disposição de nossos irmãos e irmãs. Devemos dar frutos bons. Devemos levar o evangelho que transforma as pessoas. Essa é a missão da Igreja e a nossa missão.

Assim, a vivência da espiritualidade desse nos transformar. Temos que tocar as realidades com coragem. A alegria do evangelho deve nos motivar a sermos cristãos e cristãs missionários. Francisco nos interpela a tocarmos as mazelas do mundo. Devemos sim sermos uma Igreja espiritual, mas também filantrópica. Devemos sim transformar a realidade que está a nossa volta.

Assim, recordamos mais uma vez, juntamente com Francisco. Não queremos somente comida ou água. A nossa obrigação é conduzir todos a plenitude, onde possam ter vida em abundância.

Mas queremos ainda mais, o nosso sonho voa mais alto. Não se fala apenas de garantir a comida ou um decoroso «sustento» para todos, mas «prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos».[159] Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum (EG, n° 192).

Pensar na evangelização como elemento transformador e pensar em uma sociedade e em uma Igreja mais justa e Fraterna, na qual impere a comunhão. Somente assim, poderemos vivenciar a plenitude do evangelho. A nossa missão é conduzir todos a vivência das primeiras comunidades cristãs que encontramos com perfeição no Atos dos Apóstolos. Todos os que se se convertiam, mudavam de vida e pensamento; vendiam seus bens e colocavam tudo em comum (cf. At, 2, 42-47).

Portanto, essa é a sociedade e a Igreja idealizada por Francisco e que nós também procuramos vivenciar. Uma sociedade onde todos se ajudem mutuamente. Onde não aja injustiça e exclusão. Onde não acha autoritarismo, mas sim irmandade, fraternidade e comunhão. Uma Igreja que tenha como norte a evangelização que transforma a sociedade. No fundo, um lugar onde a plenitude impere.

5 CONCLUSÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo despertar e conscientizar a todos os homens e mulheres, principalmente os cristãos e cristãs católicos sobre a importância de sermos missionários e missionárias. O dado do serviço é estendido a todos os seguidores e seguidoras de Cristo. Por isso, insistimos em apresentar uma Igreja missionária que está sempre atenta aos sinais de seu tempo. Assim, afirmamos que o ato de se colocar em missão deve ser parte integrante de todo batizado.

Desse modo foi feito um percurso desde o novo testamento até o Vaticano II e seus desdobramentos para deixar claro que a missão não nasce da Igreja. Essa é sim, participante da missão que nasce no seio da trindade. De fato, o desejo de reunir e salvar a criação parte de Deus, que nos envia seu filho e seu Espírito. Assim, Jesus é o missionário por excelência. Ele enviou e continua enviando em nome da Igreja homens e mulheres para levar a missão do Reino de Deus a todos aqueles que necessitam. A missão consiste em atrair todos ao reino e a salvação e fazer com que todos sejam um.

Nesse sentido, buscamos apresentar a missiologia de Francisco. Para ele, a missão se dá no sair de si e ir ao encontro daqueles que necessitam. Por isso apresentamos o modelo de uma Igreja em saída. Francisco afirma que prefere uma Igreja suja, enferma, com cheiro de ovelhas, do que uma Igreja presa em si. Segundo Francisco, o individualismo, o indiferentismo, o egocentrismo, a falta de alegria são os grandes males presentes dentro da Igreja hoje.

Essas características apresentadas levam a Igreja a prender-se em si. Esse fechamento faz com que a Igreja não viva o que está no seu DNA, que é o dado missionário. Por isso, insistimos com Francisco em apresentar uma Igreja que tenha como intuito a saída de si. Não se trata simplesmente em sair de dentro da Igreja templo, mas sim de toda a estrutura que lhe impede de viver verdadeiramente o ato missionário.

Assim, foi apresentado algumas características dessa Igreja missionária de Francisco. Essas são necessárias para que a Igreja se abra verdadeiramente a missão. Primeiramente foi apresentada a ideia de uma Igreja em saída como já vimos. A partir da aí percorremos ideias como evangelizar na alegria que para Francisco é um ponto determinante. Porém para evangelizar na alegria é necessário que o agente

missionário tenha se encontrado com a alegria do evangelho. Somente assim, ele conseguirá conduzir todos a essa alegria.

Apresentamos também a ideia de uma Igreja da misericórdia. Na relação com os irmãos e irmãs é necessário que o agente missionário deixe transparecer o rosto misericordioso de Deus. Frente a uma Igreja que muitas vezes usa do autoritarismo, da indiferença, do ódio, achamos necessário que a misericórdia seja a condutora do agir dos agentes missionários. Para que se chegue à união é necessário que a Igreja saiba usar da misericórdia.

Outros dois fatores foram importantes para o nosso estudo. O diálogo e a inculturação. Os agentes missionários devem usufruir sem medo dessas duas características. Tanto o diálogo quanto a inculturação são necessárias para se ter uma boa missão. Saber respeitar a cultura dos outros e dialogar com aquele que é diferente não faz com que a Igreja se “suje” como pensam muitos por aí. Esses dois aspectos ajudam a Igreja a crescer e principalmente a viver verdadeiramente a sua vocação.

Dito isso, chegamos à conclusão de que sem esses aspectos apresentados a Igreja não vive verdadeiramente a sua vocação missionária. Por isso apresentamos o modelo de Igreja missionária pensada por Francisco. Se repararmos bem, perceberemos que essa está sempre atenta aos sinais do seu tempo. Francisco não tem medo de se posicionar frente a esses problemas.

O intuito desse trabalho foi apresentar o modelo de uma Igreja missionária que está sempre atenta aos sinais do tempo. Em vista de tanto indiferentismo, de preconceitos, de pobreza, de individualismo, a Igreja além de se posicionar, deve sempre estar atenta a solucionar tais problemas. Por isso o sair de si e ir de encontro as realidades é importante.

Não basta somente apresentar o reino de Deus. É necessário também que a Igreja seja o sinal desse reino entre os homens e mulheres. Se no reino o que impera é a comunhão e a plenitude da vida, a Igreja, através da missão deve conduzir todos a plenitude da comunhão e da vida já aqui na terra. A salvação da criação se na integridade.

Portanto, o pensamento de Francisco em nada se afasta daquilo que a Igreja pensa e propaga. Aqueles que falam mal de Francisco muitas vezes o chamando de anticristo, de papa ilegítimo, de comunista, de herege, em nada conhecem o seu pensamento. Francisco é sem dúvida um grande sinal dos tempos. Seu pensamento acerca da missão é um grande norte para a Igreja católica e para a

sociedade em geral. Por isso não temos medo em afirmar que Francisco é um grande norte para a vida da Igreja.

9 Bibliografia básica

AUGUSTIN, George. **Por uma Igreja “em saída”**: impulsos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. Tradução de Antônio Maia da Rocha. Petrópolis: Vozes, 2018.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de Teologia Bíblica**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1988 (Volume II).

BETTENCOURT, Estevão. **Dialogo Ecumenico**: Temas controvertidos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1989.

BIBLIA DE JERUSALÉM. Paulus. São Paulo, 2003.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. Constituição Dogmática Lumen Gentium. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

DOCUMENTO DE APARECIDA: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Edições CNBB, Paulinas, Paulus, 2014.

FAGGIOLI, Massimo. **Vaticano II**: a luta pelo sentido. Traduzido por Jaime A. Clasen. São Paulo: Paulinas, 2013.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Misericordia Dei**. São Paulo: Paulinas, 2002.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Dives et Misericordia**. São Paulo: Paulinas, 1983.

LORSCHIEDER, Aloisio; **LIBANIO**, João Batista... [et al]. **Vaticano II**: 40 anos depois. São Paulo: Paulus, 2005 (Coleção comunidade e missão).

LUBAC, Henri de. **A Igreja na crise atual**. São Paulo: Paulinas, 1972 (Coleção Teológica).

MÓDENA, Hernane. A Concepção Missiológica da Igreja no Vaticano II: A missão a serviço do Reino de Deus. In: SOUZA, Ney. **Vaticano II: notas sobre o Concílio e sua recepção na América Latina**. São Paulo: Recriar, 2021. p. 31-57.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**. São Paulo: Paulinas, 2015.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica pós-sinodal Querida Amazônia**. São Paulo: Paulinas, 2020.

PAPA FRANCISCO. **Misericordiae Vultus**. São Paulo: Paulinas, 2015.

PANAZZOLO, João. **Missão para todos**: introdução à missiologia. São Paulo: Paulus, 2006 (Coleção teologia sistemática).

PAULO VI. Decreto do Concílio Vaticano II: Ad Gentes. Sobre a atividade missionária da Igreja (1965). In COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 2000.

PASSOS, João Décio; **SANCHES**, Wagner Lopes. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2015

PUEBLA (Texto oficial da CNBB): A Evangelização no Presente e no futuro da América Latina, 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1983

RESTORI, Memore. **A missão no Vaticano II**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Marco conciliar).

SANCHES, Wagner Lopes. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção Marco conciliar).

SELLA, Adriano. **Por uma igreja do reino**: novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial. Trad. Pe José Raimundo Vidigal. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SOUZA, Clayton Lima de; **DUCK**, Arthur Wesley. **Missão, reino e igreja de Deus**: alinhando e costurando os conceitos. Revista Cognition, Curitiba, volume 1, p. 118-130, 2019.